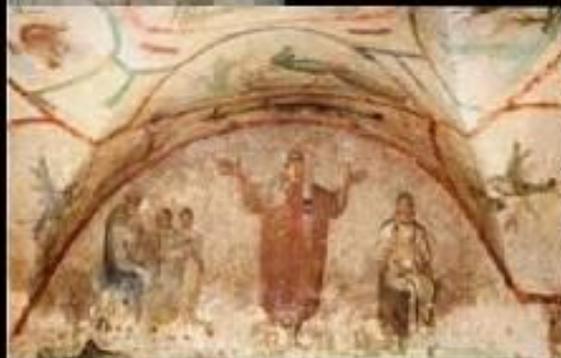


ARQUEOLOGIA DA RELIGIÃO:

MÉTODO E INTERPRETAÇÃO DO PRODUTO ARTÍSTICO DA RELIGIÃO



Org. Filipe Guimarães

FILIPE GUIMARÃES
(Organizador)

ARQUEOLOGIA DA RELIGIÃO:
método e interpretação do
produto artístico da religião

MACAPÁ-AP
UNIFAP
2018

Copyright © 2019, Autores

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira

Vice-Reitora: Prof.ª Dr.ª Simone de Almeida Delphim Leal

Pró-Reitor de Administração: Msc. Seloniel Barroso dos Reis

Pró-Reitora de Planejamento: Msc. Luciana Santos Ayres da Silva

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento

Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Prof.ª Dr.ª Elda Gomes Araújo

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.ª Dr.ª Amanda Alves Fecury

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Antonio Sabino da Silva Neto

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Antonio Sabino da Silva Neto, Ana Flávia de Albuquerque, Ana Rita Pinheiro Barcessat, Cláudia Maria Arantes de Assis Saar, Daize Fernanda Wagner, Danielle Costa Guimarães, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Janielle da Silva Melo da Cunha, João Paulo da Conceição Alves, João Wilson Savino de Carvalho, Jose Walter Cárdenas Sotil, Norma Iracema de Barros Ferreira, Pâmela Nunes Sá, Rodrigo Reis Lastra Cid, Romualdo Rodrigues Palhano, Rosivaldo Gomes, Tiago Luedy Silva e Tiago Silva da Costa

G9473a Guimarães, Filipe

Arqueologia da Religião: Método e Interpretação do Produto Artístico da Religião / Filipe Guimarães (organizador). – Macapá : UNIFAP , 2018.

Il.: 128 p.

ISBN: 978-85-547 6-036-6

1. Religião. 2. Cristianismo. 3. Arqueologia. I. Filipe Guimarães. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 270

Capa: Filipe Guimarães

Diagramação: Fernando Castro Amoras



Editora da Universidade Federal do Amapá
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419



Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem permissão do organizador. É permitida a reprodução parcial dos textos desta obra desde que seja citada a fonte. As imagens, ilustrações, opiniões, ideias e textos emitidos nesta obra são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores dos respectivos textos.

DEDICATÓRIA

Aos professores e alunos que têm se envolvido com a
Arqueologia da Religião no Brasil.

PREFÁCIO

A Arqueologia surgiu como disciplina ligada à constituição dos estados nacionais e imperialistas, na passagem do século XVIII para o XIX. Fazia parte da busca pelo conhecimento objetivo e positivo do mundo, uma abordagem que relegava os sentimentos religiosos a um segundo plano, ou mesmo evitava qualquer alusão a tais considerações. A Arqueologia, a partir do século XX, ampliou seus horizontes e, cada vez mais, voltou-se para as representações e para os símbolos. O sobrenatural, a mágica e tudo que diz respeito aos sentimentos mais recônditos, passou a fazer parte do universo de preocupações do arqueólogo.

As mais antigas imagens produzidas pelo ser humano, nas pinturas rupestres de dezenas de milhares de anos, atestam o poder que as forças espirituais exerceram sobre o ser humano. Estas imagens tem sido recuperadas e interpretadas pelos arqueólogos. Multiplicaram-se as pesquisas arqueológicas sobre o tema religioso, mas faltam ainda publicações de divulgação relativas ao tema. Esta lacuna encontra na obra do Dr. Filipe Guimarães uma contribuição para que o interessado possa ter acesso à questão ainda enigmática do estudo dos mais antigos sentimentos religiosos. Boa leitura!

Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari
Professor titular da Unicamp

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 1 SOBRE ARQUEOLOGIA, ARQUEÓLOGOS E RELIGIÃO	21
2 HERMENÊUTICA ELIADIANA: INTERPRETANDO O SACRO	43
3 TRANSMISSÃO DA MEMÓRIA.....	55
4 ASTECAS E MAIAS: CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS REGIDAS AO PAGANISMO E SACRIFÍCIOS HUMANOS	65
5 A ARTE MURAL NAS CATACUMBAS CRISTÃS.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
GLOSSÁRIO BÁSICO EM ARQUEOLOGIA.....	121
REFERÊNCIAS.....	125

INTRODUÇÃO

Desde o lançamento do primeiro escrito “Arqueologia da Religião: um convite”, em 2013, a A.R conquistou alguns feitos importantes os quais desejamos deixar registrados neste espaço. Em agosto de 2013 ela teve a oportunidade de ser GT na Semana de Estudos da Religião da UMESP. No mês dezembro, daquele ano, foi minicurso na UFPB, resultando em cerca de 30 trabalhos escritos pelos discentes da pós, em abril de 2014, foi GT no VII Congresso Internacional em Ciências da Religião na PUC Goiás, em 2015 foi GT no II Simpósio da ABHR que aconteceu na PUC-SP e em 2016 foi GT no II Simpósio Internacional da ABHR ocorrido na UFSC. Também destacamos o envolvimento e incentivo dos professores: Pedro Funari (UNICAMP), Eunice Gomes (UFPB) e Emerson Silveira (UFJF).

Até agosto de 2013, os interessados em conhecer a religiosidade, através da ótica arqueológica na C.R, tinham como principal ferramenta de trabalho, na literatura portuguesa, a Arqueologia Bíblia. Porém, com a publicação de “Arqueologia da Religião: um convite”, na referida data, um novo momento, no que diz respeito ao estudo arqueológico, inaugura-se na C.R.

Ainda que embrionária, porém promissora, a A.R iniciou um movimento de deslocar a Arqueologia Bíblia para uma posição secundária, de diálogo, retirando dela a primazia como fonte metodológica principal para o estudo da religião, ainda que importante e parceira na C.R.

A Arqueologia estuda o antigo, o passado, busca o escondido. Ela é fruto do desejo humano em querer satisfazer sua curiosidade sobre origens, antepassados, o primitivo, o primeiro.

Partindo dos vestígios sociais, das realizações culturais, ela estuda diversos aspectos dos rastros deixados por civilizações antigas e extintas, gerando informações através de interpretações dadas a

estruturas inanimadas.

Diferente do historiador, que trabalha principalmente com a documentação textual, o arqueólogo desenvolve suas teorias hermenêuticas tomando como fonte principal a cultura material. Vários artefatos, encontrados em sítios arqueológicos, têm relação direta com a religiosidade vivenciada na antiguidade ou em um passado próximo.

Estas informações são relevantes, na medida em que, além de nos ajudar a ter noções do passado, do estilo de vida daqueles que já se foram, bem como suas relações pessoais e transcendentais, também se tornam referencial comparativo para o aprofundamento da análise das práticas religiosas na história e modernidade.

Segundo o Prof. Funari - arqueólogo da Unicamp:

A Arqueologia, a partir do século XX, ampliou seus horizontes e, cada vez mais, voltou-se para as representações e para os símbolos. O sobrenatural, a mágica e tudo que diz respeito aos sentimentos mais recônditos, passou a fazer parte do universo de preocupações do arqueólogo.¹

A cada dia que passa, percebe-se o interesse dos ciclos de erudição acadêmico-arqueológico, em tornar as informações mais acessíveis à sociedade em geral, o que é fundamental para garantir a sobrevivência da disciplina e seu constante progresso. Esta aproximação foi comentada por Funari em um artigo recente:

Definida, na origem, como estudo das coisas antigas, a partir da etimologia, dedicada aos edifícios e objetos provenientes das antigas civilizações, como a grega e a romana, tornou-se, aos poucos, parte dos estudos das relações de poder a partir das coisas. Em comum, manteve a centralidade do estudo do mundo material, das coisas, daquilo que pode ser tocado, transformado e feito pelo ser humano, definido, por convenção, como cultura material. Introduziram-se, ademais, os aspectos sociais e de poder, das

¹ Prefácio do livro Arqueologia da Religião: um convite. p. 5.

desigualdades e conflitos, para propor uma disciplina menos distante das pessoas e mais útil tanto aos indivíduos, como às coletividades.²

A Arqueologia, ao longo dos anos, já estudou milhares de artefatos. Eles são resquícios de uma realidade da antiguidade que aponta para várias direções. Estas pistas nos falam de culinária, habitação, estilo de vestimentas, educação, guerra, lazer, etc. Possibilitando-nos aprender sobre todas as áreas da vida dos habitantes de épocas distantes, ainda que de forma reduzida.

Quando um Campo de estudo experimenta progresso é natural que se sigam as fases de especialização do mesmo. Ou seja, o panorâmico cede lugar ao mais estreito e, conseqüentemente, respostas mais precisas começam a aparecer. Este é o processo que o Campo da Arqueologia tem entrado nas últimas décadas, principalmente após a efervescência gerada depois da grande descoberta do século XX: os Manuscritos do Mar Morto.

Fato é que, como resultado do acúmulo de informações fruto do desenvolvimento da Arqueologia, começou-se a falar, há algumas décadas, principalmente no início do Séc. XXI, nos EUA, em Arqueologia da Religião (que também pode ser chamada de Arqueologia das Religiões ou Arqueologia da Religiosidade) desabrochando como uma súbria, ainda tímida, da Arqueologia.

No Brasil ela nasce com um grande desafio pela frente, posto que a Arqueologia não tem tradição na academia, porém com bastante potencial para ser explorada na C.R, pois, além dos acadêmicos que têm demonstrado interesse, ela já nasce tendo um método próprio e um estilo brasileiro de investigação.

De uma forma objetiva, visando oferecer uma resposta para entendermos um pouco do universo da aplicabilidade da disciplina,

² Artigo presente em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252013000200010&script=sci_arttext

podemos dizer que a A.R tem como finalidade última, fornecer análises, resultantes de investigações acadêmicas, seja em campo ou não, que ajudem o homem moderno a entender a religiosidade praticada em tempos passados.

Porém, tal análise não se dá através de “achismos”, mas, sobretudo, através de interpretações, derivadas do uso de ferramentas como a hermenêutica ou semi-ótica. Nesta esfera existe espaço para a criatividade, porém não uma criatividade livre de amarras, antes, atrelada a sensibilidade e plausibilidade, que atendam o rigor e seriedade que este universo, aberto a possibilidades teóricas, requer do pesquisador.

Uma boa descrição, que ensina sobre a necessidade de seriedade no uso da criatividade no ato de interpretar, bem como seu dever de estar vinculada ao objeto de estudo, nos é dado por Eliade, que defendia uma atitude responsável quanto à produção de novas informações:

A partir de certo ponto de vista, pode-se comparar a “descoberta” hermenêutica a um método científico ou tecnológico. Antes da descoberta, a realidade que se veio a descobrir estava lá, apenas um não via, ou não se entendia, ou não se sabia como usá-la. Da mesma forma, uma hermenêutica criativa revela significações que um não entendia antes, ou os coloca em relevo com tal vigor que, depois de ter assimilado essa interpretação a consciência não é mais a mesma.³

É com esta responsabilidade que a Arqueologia da Religião vem aos ombros dos pesquisadores da C.R e áreas afins no Brasil. Compromisso de fazer pedras espalhadas voltarem a ser estruturas, fósseis voltarem a ter vida, o vazio ser enxergado como espaço de relações, o silêncio das ruínas ser ouvido como som de muitos diálogos ocorridos na dimensão familiar, social, econômica ou política, sempre na busca de entender como eles relacionavam-se com o sagrado.

O trabalho sobre a civilização Asteca e Maia foi construídos

³ Eliade, M. e Harry, B. P. History of Religions. p. 8; tradução nossa.

através da Metodologia da Arqueologia da Religião (MAR), desenvolvida de forma a conduzir o acadêmico através de um processo de análise das informações de caráter mais geral até uma análise mais específica do “produto artístico da religião (PAR).”⁴ Que pode ser aplicada em qualquer religião. A MAR consiste em sete passos, a saber:⁵

- 1ª Seleção da religião a ser pesquisada;
- 2ª Informações da cultura ligada à Religião;
- 3ª Informações geográficas do povo;
- 4ª Informações sobre as principais características da religião;
- 5ª Seleção do PAR a ser analisado e informações técnicas;
- 6ª Abordagem hermenêutica ou semiótica do PAR;
- 7ª Implicações Finais.

O livro possui cinco capítulos. O três primeiros escrito pelo organizador da obra abordando a temática da Arqueologia da Religião e seu método, o tema da Hermenêutica, fundamental para a interpretação das imagens, e o assunto da oralidade que é uma fonte para o estudo do passado. Os dois últimos capítulos são trabalhos selecionados dentre os participantes dos minicursos para exemplificar o uso da A.R no estudo do Produto Artístico da Religião.

⁴ Utilizamos esta expressão como referência a toda e qualquer realização humana, de cunho religioso, descoberta pela Arqueologia, seja ela um artefato, arte rupestre, escultura rochosa, pinturas em catacumbas, etc

⁵ As informações detalhadas de como aplicar a metodologia estão descritas no Livro Arqueologia da Religião: um convite.

1

SOBRE ARQUEOLOGIA, ARQUEÓLOGOS E RELIGIÃO

Prof. Dr. Filipe Guimaraes⁶

A visão popular que alguns indivíduos possuem sobre o arqueólogo é a de um aventureiro à procura por tesouros perdidos, fruto do famoso legado de filmes hollywoodianos dirigidos por Steven Spielberg chamados: "Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida" (1981), "Indiana Jones e o Templo da Perdição" (1984), "Indiana Jones e a Última Cruzada" (1989) e "Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal" (2008), todos eles protagonizados por Harrison Ford.

Por mais que consideremos estes filmes um excelente atrativo para a família, o fato é que, no que tange a publicidade acadêmica, divulgam uma imagem fantasiosa do trabalho arqueológico.

O arqueólogo é um indivíduo que carrega livros nas mãos, ao invés de chicote. Seu real tesouro não é o achado arqueológico em si, mas o conhecimento que se esconde nas descobertas arqueológicas. Em sua maioria, não são indivíduos que vivem viajando pelo mundo, geralmente suas viagens são reflexivas e acontecem no espaço solitário, mas convidativo, de alguma biblioteca.

Morber (1968, p.60), discorreu eloqüentemente sobre a essência da arqueologia quando escreveu:

A arqueologia não é uma "ciência da pá" e, nela, os instrumentos contam menos do que o cérebro, como nas outras ciências. Não é também uma "procura de objetos". O arqueólogo não anda à procura de antiguidades, mas de conhecimentos, de realizações

⁶ Professor do Curso de Relações Internacionais da UNIFAP. E-mail: filipe.guimaraes@ufabc.edu.br

inteligentes. Também não procura definições de uma qualquer "cultura material" porque a noção de cultura já é propriamente falando imaterial. Na verdade, as questões para as quais o arqueólogo procura resposta concernem exatamente o imaterial.

Percebemos em minicursos que ministramos em Universidades, GTs que coordenamos em congressos da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) (C.R) e conversas acadêmicas com interessados em Arqueologia da(s) Religião(ões) ou Arqueologia da Religiosidade (A.R), um despertar para o estudo desta nova área.

Este livro busca introduzir os pesquisadores do fenômeno religioso, principalmente aqueles cujo interesse investigativo encontra-se no passado, nesta fascinante e importante área de estudo, pertencente ao Campo da Arqueologia, chamada A.R. que está em rede com as Ciências da Religião.

O escrito é resultante da constatação de uma total ausência literária sobre este tipo de pesquisa no Brasil, inaugurando mais uma porta de entrada para o estudo da religiosidade.

Como o seu título assinala, este trabalho é de caráter introdutório, desbravador, um convite. Nossa intenção e desejo é que sirva como base para motivar outras produções que nos ajudem a compreender melhor a expressão religiosa de diferentes culturas ocultas no sussurro, em alguns casos total silêncio, do passado.

Mas por que estudar Arqueologia da Religião? Na tentativa de oferecer uma resposta mais precisa, vamos dividir esta pergunta em duas. A primeira: Por que estudar Arqueologia? A resposta mais óbvia é: para entendermos melhor o passado, posto que os seres humanos são curiosos sobre acontecimentos históricos.

A raça humana, diferente de qualquer espécie, deseja saber como era o comportamento dos seus semelhantes na antiguidade, curiosidade que em si, já legitima a arqueologia como saber necessário para o estudo do antigo. Neste sentido, o papel do arqueólogo para com a sociedade, será o de oferecer interpretações do passado que ajudem a

satisfazer a curiosidade humana.

A outra questão seria: Por que estudar Religião? Nossa resposta, em uma perspectiva apenas embasadora, é: para entendermos o comportamento dos seres humanos com base em suas crenças. Partindo destas duas respostas fica mais fácil responder à questão inicial. Então, por que estudar arqueologia da religião? *Para entendermos melhor o comportamento das pessoas que existiram no passado, tomando como referência suas crenças, estas (crenças) também compreendidas através do estudo da cultura material.*

Conhecer esta esfera da vivência humana na antiguidade é salutar, sobretudo quando entendemos que a religião não exercia um papel secundário no estilo de vida das pessoas, mas um papel determinante. Quando um indivíduo dirigia-se a um panteão para oferecer um sacrifício a um determinado deus, por exemplo, é porque acreditava que aquela divindade, geralmente representada por uma pequena estatueta, tinha poderes sobrenaturais para intervir em sua existência e alterar o curso das coisas. Muitos soldados iam às guerras acreditando que espíritos protetores os ajudariam nas batalhas, assim eles sacrificavam aos deuses da guerra.

A realidade era que a maioria das pessoas acreditavam na existência de forças sobrenaturais capazes de intervir em cada área da vivência humana. Será que é diferente hoje? Não. A maioria dos indivíduos crêem que não são auto-suficientes e, ao que tudo indica, sempre existirão representantes deste estilo de vida.

Assim, estudar Arqueologia da Religião significa estudar a nós mesmos. Nessa direção, a reflexão do arqueólogo Binford (1983) afirmando que a arqueologia usa o presente como ferramenta interpretativa do passado fazem bastante sentido.

Diferente de ciências como matemática, física e química, a arqueologia não possui um caráter de exatidão. Ela busca descobrir explicações prudentes, prováveis, que possuam plausibilidade, direcionadas pelas descobertas arqueológicas. Isto significa que todas as conclusões

estão abertas a revisões, seja na direção de aprofundamento ou refutação.

O que conferi um maior grau de legitimidade a um argumento é a capacidade que ele possui de explicar, com coerência, o maior número de evidências.

Devemos ter em mente que esta ciência lida com fragmentos do passado, ou seja, a melhor das respostas não passa de uma pequena luz no fim do túnel.

A palavra arqueologia é o resultado de duas palavras gregas: arqué (antigo) e logos (estudo), dando a idéia de estudo do antigo. Ampliando o significado, podemos dizer que se refere a ciência que estuda tudo o que remete a civilizações antigas, tendo como ponto de partida os vestígios delas encontrados.

Pedro Funari afirmou, em um artigo recente, que a disciplina passou por um processo de aproximação da sociedade em geral:

Definida, na origem, como estudo das coisas antigas, a partir da etimologia, dedicada aos edifícios e objetos provenientes das antigas civilizações, como a grega e a romana, tornou-se, aos poucos, parte dos estudos das relações de poder a partir das coisas. Em comum, manteve a centralidade do estudo do mundo material, das coisas, daquilo que pode ser tocado, transformado e feito pelo ser humano, definido, por convenção, como cultura material. Introduziram-se, ademais, os aspectos sociais e de poder, das desigualdades e conflitos, para propor uma disciplina menos distante das pessoas e mais útil tanto aos indivíduos, como às coletividades.⁷

Esta ciência, ao longo dos anos, já estudou milhares de achados. Eles são resquícios de uma realidade antiga que aponta para várias direções. Estas pistas nos falam de culinária, habitação, estilo de vestimentas, educação, guerra, lazer, etc. Possibilitando-nos aprender sobre

⁷ 1 - Artigo presente em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252013000200010&script=sci_arttext

todas as áreas da vida dos habitantes de épocas distantes.

Quando nos referimos à Arqueologia da Religião, estamos afinando o campo de pesquisa. Nosso interesse é apenas um quadro, um recorte, uma amostragem da amostragem da vivência passada: a religião.

Por mais que não possamos isolar completamente esta área, posto que ela está em diálogo com outros saberes, o que buscamos conhecer está mais diretamente relacionado a forma a qual nossos antepassados lidavam com rituais, divindades, espaços, utensílios, animais e festividades sagradas.

Os métodos usados para averiguar o passado estão longe de serem perfeitos. São ferramentas que servem para lançar alguma luz na escuridão do desconhecido. Assim, saberes acadêmicos tais como: lingüística, sociologia, antropologia, história, ciência(s) da(s) religião(ões), ou mesmo metodologias “duras” como física e matemática, quando alinhadas ao estudo arqueológico são de grande serventia. Basta pensarmos em estudar as pirâmides para notarmos como a física pode ser útil.

A existência de pesquisadores dedicados a área da A.R. é de importância ímpar por uma simples razão: Em todos os sítios arqueológicos da antiguidade são encontrados elementos relacionados à religião. Some-se o fato de que a demanda de arqueólogos é pequena para estudar os achados que sempre estão a multiplicar-se.

Nas últimas décadas tem crescido o número de arqueólogos dedicados a tarefa de investigar as religiões de povos antigos e produzir uma literatura mais especializada sobre os mesmos, elevando o estudo das religiões a um subcampo dentro do campo maior da Arqueologia. A busca por estudar a religiosidade, seus rituais e interpretá-los, tem sido um dos pilares desta nova área de estudo desde a sua criação.

O primeiro trabalho escrito sobre Arqueologia da Religião foi o livro de Finegan intitulado “Archeology of World Religions” no ano de 1952. O livro contém um estudo histórico-arqueológico de 10 religiões. Em 1994, Colin Renfrew escreveu o interessante artigo “The Archaeolo-

gy of Religion” que foi publicado pela Universidade de Cambridge. Em 2005, Whitley e Gilpin publicaram um livro intitulado “Belief in the Past: theoretical approaches to the Archaeology of Religion”. No ano de 2009, Steadman lançou o seu livro “Archaeology of Religion: cultures and their beliefs in worldwide context” e em 2012 Wesler publicou “An Archaeology of Religion”.

Steadman (2009, p.47) diz que, nos últimos quinze anos, especialmente os últimos dez, vários livros que exploram a religiosidade nas culturas passadas foram produzidos em língua inglesa, principalmente na Europa e Estados Unidos.

O trabalho arqueológico começa a ganhar forma com a descoberta da cultura material. Porém, a descoberta em si, não é o resultado final do trabalho arqueológico. Poderíamos dizer que é o resultado da escavação e ainda está longe de ser uma conclusão de algum assunto. A descoberta, ao contrário do que se pensa, é o início da dúvida, da indagação, do questionamento, da busca por uma resposta, o princípio de uma nova fase na pesquisa.

Pertencente à descoberta de uma lâmpada de argila em algum sítio arqueológico, por exemplo, existem perguntas do tipo: A que cultura o utensílio pertenceu? Que cultura criou o design? Como se dava a fabricação da lâmpada? Que classe social utilizava este determinado modelo de objeto? Entre outras.

Uma das posturas fomentadoras do avanço científico em qualquer área é o diálogo. Um investigador é alguém aberto a ouvir novas opiniões sobre um determinado assunto, que nutre o desejo de conhecer o resultado de pesquisas realizadas por ângulos diferentes. Ele não foge a um questionamento, mas vê na questão a possibilidade de avançar em suas pesquisas.

O arqueólogo não possui a palavra final sobre a temática investigada, porém uma palavra sobre o assunto. É um indivíduo aberto a novas categorias de interpretação. Com isso, não queremos dizer que ele deve concordar com todas as opiniões, mas reconhecer categorias

plausíveis na fala de outros pesquisadores.

O arqueólogo é capaz de vê nas outras opiniões a possibilidade de progredir na compreensão de como funcionava determinada cultura da qual, geralmente, tem-se apenas poucas pistas para a construção do conhecimento.

Some-se a esta dificuldade, a dura realidade de que vários sítios são destruídos por causa da construção de novas cidades, pela ação do tempo, por catástrofes naturais, por invasores que destruíam a memória da nação conquistada, relíquias roubadas por saqueadores, etc.

Quando se trata de sua relação com o público em geral é imprescindível que aprenda a desenvolver uma postura de ponte, ao invés de apresentar-se como guardião de segredos ocultos. Ou seja, ele deve ter a capacidade de conduzir pessoas leigas, em um exercício de reflexão, a pisarem no chão do passado e concedê-las a possibilidade de extrair lições e informações preciosas para as suas vidas.

É relevante sabermos que há vários tipos de trabalhos desenvolvidos pelos arqueólogos. Alguns trabalham na preservação de documentos, outros mais diretamente nos sítios arqueológicos, alguns nas universidades junto aos alunos, outros se dedicam ao trabalho em museus, ou mesmo a coleções específicas.

Antes de adquirir autonomia, a arqueologia era vista como uma ciência de apoio à história. Ela pertencia ao ramo da ciência histórica. Em seus primórdios, século XVIII, a cultura material não era percebida como:

fontes autônomas de conhecimento, mas antes como ilustrações que deveriam completar sob certos aspectos os textos, sobretudo com a finalidade de identificar os sítios ou monumentos descritos pelos antigos.⁸

O interesse pela arqueologia naquela época também acontecia

⁸ 2 palavras de Carl-Axel Moberg, extraídas do livro "Introdução à Arqueologia", p.31.

por causa de razões artísticas. Segundo Moberg as descobertas serviam principalmente como fontes de inspiração. “As artes da Renascença procuravam na Antiguidade os seus modelos de inspiração. Nesta perspectiva, a informação, a qualidade dos conhecimentos não era primordial.”⁹

Podemos situar o nascedouro da arqueologia, na época vinculada a paleontologia, após meados do séc. XVIII, com a elaboração da teoria da época das últimas glaciações de Boucher de Perthes:

De fato foi a partir do século XVIII, principalmente na França e Inglaterra, que se iniciou a discussão a propósito de vestígios de animais que representavam espécies claramente extintas... O debate endureceu rapidamente e a resistência a estas idéias foi muito forte até Boucher de Perthes. Foi efetivamente ele que elaborou, em 1859, a primeira teoria sobre a época das últimas glaciações, o período da pedra antiga ou Paleolítico.¹⁰

Nascia então a Arqueologia, porém, com uma longa jornada pela frente, até adquirir o status e a forma que possui na atualidade, mas ainda em progresso.

No que tange a datação nos primórdios da arqueologia era comum a busca por critérios para estabelecer as grandes épocas que marcaram a história da humanidade. Assim, acadêmicos, utilizando-se da proposta evolucionista, estabeleceram divisões cronológicas baseadas no material utilizado na fabricação de determinado utensílio.

Apesar de não haver garantias sobre estas idades, e havendo variações no desenvolvimento tecnológico nos continentes, elas servem para dar um norte ao pesquisador. A seguir, a tabela informativa:

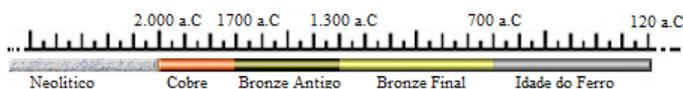
⁹ 3 Ibid. p.31.

¹⁰ 4 Ibid, p.32.

GRANDES DIVISÕES	SUBDIVISÕES	PERÍODOS
IDADE DA PEDRA	PALEOLÍTICO	2,5 milhões de anos a.C - 10.000 a.C
	NEOLÍTICO	10.000 a.C - 2.000 a.C
IDADE DOS METAIS	IDADE DO COBRE	2.000 a.C - 1.700 a.C
	IDADE DO BRONZE	1.700 a.C - 700 a.C
	IDADE DO FERRO	700 a.C - 120 a.C

Fonte: Autor

Na seqüência uma escala que nos ajuda a melhor visualizarmos a Idade dos Metais:



Fonte: Autor

Uma divisão mais popular da história, baseada na invenção da escrita, é: Idade Antiga (4.000 a.C - séc.V d.C), Idade Média (séc. V d.C - Séc. XV d.C), Idade Moderna (séc. XV - XVIII) e Idade Contemporânea (séc. XVIII até os nossos dias).

Quando nos reportamos à datação, devemos ter em mente que há várias técnicas que servem para situar, em um calendário estimativo, o objeto de estudo. Algumas são mais simplórias outras bem mais complexas.

Alguns exemplos de métodos são: datação relativa, datação absoluta, termoluminescência, datação do fluorine, dendrocronologia, palinologia, métodos radiométricos (Urânio, radiocarbono ou carbono 14, datação por potássio-árgon, etc).

Dentre estes o mais utilizado é o carbono 14. Este método parte do princípio de que todos os organismos possuem um átomo radioativo chamado carbono 14. Quando o organismo morre a quantidade deste átomo começa a diminuir e acredita-se que reduz-se a metade a cada 5.730 anos. Então, a partir da quantidade de carbono 14 presente no material, chega-se a alguma conclusão da época em que determinado organismo estava vivo.

1.1 Método da Arqueologia da Religião

Um método é um conjunto de normas que têm por finalidade direcionar o pesquisador, através de categorias racionais, visando a produção de um conhecimento científico. É uma palavra derivada do grego μέθοδος que é a junção de duas palavras μετα (meta) "com" e 'οδος (hodos) "estrada" dando a ideia de ter um caminho, um chão.

A Arqueologia da Religião (também chamada de arqueologia das religiões ou arqueologia da religiosidade) é uma subárea da Arqueologia que tem como finalidade o fornecimento de análises, resultantes de investigações acadêmicas, que ajudem o homem moderno a entender a religiosidade praticada pelos seus ancestrais na antiguidade.¹¹

Partindo da investigação da cultura material, mais precisamente de análises de produções de cunho religioso ou aspectos ligados a religiosidade encontrados nos sítios arqueológicos, o arqueólogo da religião, como em qualquer área da ciência, deve produzir informações consistentes, através de um método científico que norteie todo o processo de investigação, desde a seleção da amostra até os resultados. Assim, neste capítulo apresentaremos uma metodologia base que desenvolvemos e nomeamos *Método Arqueológico da Religião (MAR)*, produzido para direcionar nossas interpretações.

A proposta consiste no cumprimento de sete etapas que conduzirão o pesquisador na análise daquilo que chamaremos de *Produto Artístico da Religião (PAR)*.¹² Como resultado, espera-se o aprofundamento do entendimento da religião, ou religiosidade vivenciada em tempos remotos ou próximos da modernidade, o que constitui-se matéria relevante para todos interessados neste tipo de estudo.

¹¹ É relevante entendermos que o trabalho da A.R situa-se na fase do pós-escavatório. Ou seja, não está ligado diretamente a escavação arqueológica mais ao estudo interpretativo dos achados.

¹² Expressão que criamos para identificar a cultura material vinculada a religiosidade. Pode ser aplicada a stelas, artes rupestres, arte em catacumbas, sepulturas, esculturas, tempos, etc.

Para ilustrar, passo a passo, a utilização do método, selecionamos, principalmente, gravuras ornamentais em relevo ligadas a religiosidade praticada pelos assírios. A análise encontra-se em forma reduzida, pois o objetivo é apenas oferecer a visualização da aplicação do MAR, que consiste das seguintes etapas:

1ª *Seleção da religião a ser pesquisada;*

2ª *Algumas informações da cultura a que pertenciam (ou pertence) a religião;*

3ª *Informações geográficas do povo;*

4ª *Informações sobre as principais características da religião;*

5ª *Seleção do principal "Produto Artístico da Religião" (PAR)⁵ e informações técnicas;*

6ª *Abordagem hermenêutica ou semiótica do PAR;*

7ª *Implicações Finais.*

1ª Etapa: SELEÇÃO DA RELIGIÃO

A religião que será abordada nesta pesquisa é a religião da Assíria, conhecida como Assurismo.

2ª Etapa: ALGUMAS INFORMAÇÕES DA CULTURA ASSÍRIA¹³

(Em um trabalho arqueológico é relevante o uso do recurso de imagens para contextualizar as informações. É importante que cada etapa do trabalho, quando possível, possa ser visualizada.)

A Assíria foi uma civilização que acredita-se ter surgido por volta do ano 2.000 a.C. A civilização alcançou o seu auge, como potência do oriente, por volta do ano 1.100 a.C. Possuíam um estilo de escrita cuneiforme e um idioma muito semelhante ao babilônico. Construíram grandes palácios na antiguidade e conquistaram várias civilizações. Foi

¹³ As imagens contidas nessa seção são do autor fruto da pesquisa desenvolvida no British Museum. As gravuras datam do século VII a.C e foram encontradas nas escavações do palácio de Nínive.

um império temido, dada a sua forte capacidade militar e práticas bárbaras. A seguir algumas características e atividades desenvolvidas pela civilização:

Caça



Fonte: Autor



Fonte: Autor

Pesca



Fonte: Autor

Caça com cães



Fonte: Autor

Jogos de caça a leões



Fonte: Autor



Fonte: Autor

Prática do nado



Fonte: Autor

Desenvolvimento da arte militar

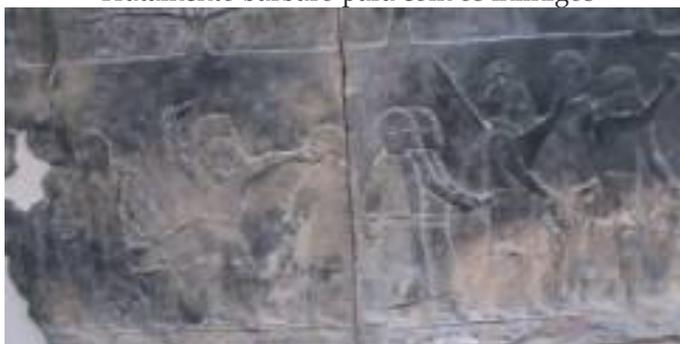


Fonte: Autor



Fonte: Autor

Tratamento bárbaro para com os inimigos

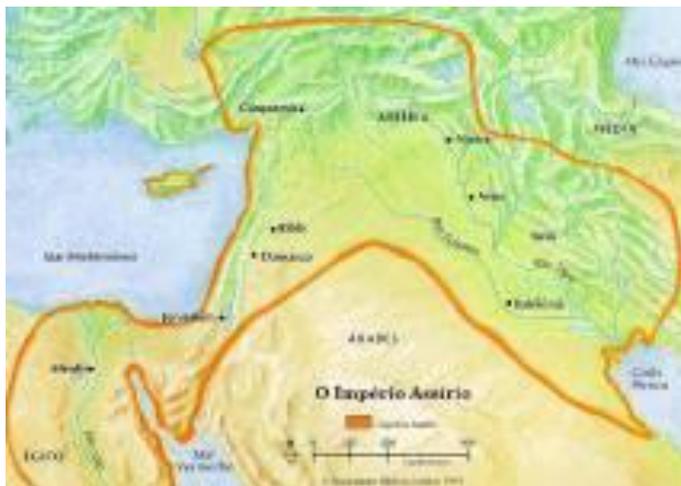


Fonte: Autor

3ª Etapa: INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS DA ASSÍRIA

Os assírios ocupavam a parte norte do atual Iraque (terra que fica entre os rios Tigre e Eufrates). As principais cidades da Assíria

eram Assur, Nínive e Calá (Nimrud). Na sequência mapa indicando a localização do império e a extensão alcançada na sua história:



Fonte: internet¹⁴

4ª Etapa: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO

A religião praticada na Assíria era politeísta e os deuses assírios eram representados de uma maneira antropomórfica. Assur, o deus nacional da Assíria, era considerado o rei dos deuses. Acreditava-se que ele e os outros deuses controlavam todas as coisas. Cada cidade tinha um templo principal onde se adorava o deus patrono.

Eles valorizavam a crença em um mundo espiritual. Usavam amuletos para afugentar espírito malignos e demônios que em suas crenças eram responsáveis em causar problemas e enfermidades. Consultavam adivinhos e astrólogos, ofereciam oferendas aos mortos (acreditavam que agindo assim garantiriam o bom andamento da vida).

Porém, a religião não previa esperança de vida após a morte. Não havia uma crença em um julgamento. Acreditava-se que os mortos atravessavam um rio até o sombrio. A seguir, imagem de um zigurate,

¹⁴ A imagem se encontra no site: http://www.ifamilia.com.br/age/age.php?view=article&id=118%3Amapas-biblicos&tmpl=component&print=1&35age=&option=com_content

templo construído na forma de pirâmides terraplanadas, que, segundo a crença, era a morada dos deuses:



Fonte: internet¹⁵

5ª Etapa: PRINCIPAL “PAR” SELECIONADO PARA ANÁLISE

(Nessa seção deve ser apresentado o Produto Artístico da Religião a ser analisado, seguido de informações técnicas que o descrevam, tais como: peso, tamanho, quem descobriu, onde descobriu, quando descobriu, onde o material se encontra na atualidade, data do artefato, etc.)

¹⁵ A imagem se encontra no site <http://otemplodeishtar.wordpress.com/galeria-de-fotos/>)

Stela of Ashurnasipal II
(principal estela a ser analisada)



Fonte: Autor

Stela intitulada "Stela of Ashurnasipal II", datada do século IX a.C, descoberta no Palácio de Nimrud, situado no norte do atual Iraque. Trata-se de uma pedra comemorativa erguida em honra ao rei assírio Ashurnasipal II que reinou de 883 a.C até 859 a.C. Ela tem 2,94 metros de comprimento e pesa cerca de 400 kg. Encontra-se no British Museum.

A Stela foi descoberta por Jonh George Taylor, no ano de 1861, um dos primeiros arqueólogos a explorar túmulos importantes na área do Golfo Pérsico, fazendo descobertas relevantes. Também trabalhou para a British East India Company. Em termos cronológicos está situada na idade do bronze final.¹⁶

6ª Etapa: ABORDAGEM HERMENÉUTICA-SEMIÓTICISTA DO PRODUTO ARTÍSTICO DA RELIGIÃO ¹⁷

¹⁶ Para maiores informações consultar o livro de Grayson intitulado "Assyrian Royal Inscriptions

¹⁷ No próximo capítulo abordaremos com maior rigor a temática da hermenêutica.

O império assírio tinha como regente principal a figura do rei. Ele era submisso ao deus Assur (deus sol que tinha como uma de suas principais funções conduzir a guerra protegendo os assírios). As guerras tinham o teor de "santidade" posto que eram feitas em nome de Assur contra aqueles que não aceitavam o seu senhorio. Outras divindades imponentes eram: Shamash (filho do deus lua), o deus Sin (senhor da sabedoria), Adad (senhor da tempestade e do trovão) e Istar (reconhecida como deusa do amor e da guerra).

A stela apresenta, da esquerda para direita, em forma hierárquica, símbolos das cinco divindades citadas anteriormente. Percebe-se que os símbolos estão sobre sua cabeça o que indica a autoridade das divindades sobre o rei.

Outro detalhe interessante é que o rei aponta para as divindades indicando que todos deveriam reverenciar os deuses e agradá-los.

A seguir, as imagens das divindades associadas aos símbolos na ordem em que aparecem na estela. A saber:¹⁸ Assur; Shamash; Sin; Adad e Istar.

Assur



Fonte: internet¹⁹

¹⁸ para maiores informações consultar o texto de Reade, intitulado "Assyrian sculpture-1"

¹⁹ A imagem encontra-se em <http://freethoughtnation.com/forums/viewtopic.php?f=16&t=3014>

Shamash



Fonte: internet²⁰

Sin



Fonte: internet²¹

²⁰ A imagem encontra-se no site <http://biblelight.net/verita.htm>

²¹ Imagem presente em <http://www.answers.com/topic/sin-babylonian-god-of-the-moon>

Adad



Fonte: internet²²

Istar



Fonte: internet²³

²² A imagem encontra-se presente em <http://en.wikipedia.org/wiki/Adad>

²³ A imagem encontra-se presente em: <http://ancientpeoples.tumblr.com/post/268>

7ª Etapa: IMPLICAÇÕES FINAIS

O politeísmo assírio reverenciava deuses de ambos os sexos, que eram reverenciados e temidos pelos devotos. Alguns deuses eram percebidos como superiores aos outros e por isso mesmo tinham templos em honra a seus nomes.

Semelhante a outras religiões da mesopotâmia, seus adoradores ofereciam comida, libações, animais e até mesmo seres humanos. Em relação aos sacrifícios de pessoas, geralmente imolavam o indivíduo com uma faca, mas também queimavam, afogavam e enterravam vivos. Em alguns casos ofereciam seus filhos aos deuses.

Gostavam de construir zigurates (torres artificiais) para adorar as divindades. Elas eram construções gigantescas que tinha a intenção de fazer os adoradores se aproximarem mais dos deuses e fazer os deuses se aproximarem mais dos adoradores.

Todas estas práticas embasavam-se na crença de que, agradando aos deuses, teriam o favor deles em todas as áreas da vida, principalmente na guerra como ilustra a seguinte gravura de espíritos protetores.



Fonte: Autor

2

HERMENÊUTICA ELIADIANA: INTERPRETANDO O SACRO

Prof. Dr. Filipe Guimarães²⁴

A História das Religiões constituiu-se uma disciplina autônoma logo após o início do Orientalismo. Em alguns aspectos, que se baseiam em pesquisas dos orientalistas, lucrou enormemente com o progresso da antropologia. Em outras palavras, as duas principais fontes documentais para a História das Religiões foram, e ainda são, as culturas da Ásia e os chamados povos “primitivos”. Ela contribuiu grandemente para a ampliação do horizonte cultural do ocidente:

É difícil imaginar outra disciplina humanista que tenha ocupado melhor posição para contribuir tanto para a ampliação do horizonte cultural do ocidente e para a aproximação com os representantes das culturas orientais e arcaicas. (ELIADE, 1965, p.4)

Porém existiu uma grande diferença entre a influência que a História das Religiões, ou Religiões comparadas, exerceu na mentalidade ocidental no século XIX e sua influência no século XX (Época de Eliade). Na cultura moderna, nos dias de Eliade, sua força é bem menor posto que não existia mais a mesma paixão pela área do que nos seus primórdios.

A causa de um dos principais problemas promotores da falta de interesse do público moderno, não residia, em primeira instância, na qualidade dos historiadores, mas na “timidez” dos mesmos. Esta retração despertou o interesse de Mircea Eliade, que se viu motivado pela busca em descobrir as causas motoras deste tipo comportamento.

²⁴ Professor do Curso de Relações Internacionais da UNIFAP

Certamente, pode-se responder que em nossos dias não há Muller Max, Andrew Lang, ou Frazer, talvez seja verdade, não, porque os historiadores das religiões de hoje são inferiores a eles, mas simplesmente porque eles são mais modestos, mais retraídos, de fato mais tímidos. É exatamente este problema que me intriga. Os historiadores das religiões se permitiram tornou-se retraídos, se contentaram com as lições que aprenderam dos seus ilustres predecessores. (ELIADE, 1965, p. 2)

Toda ciência precisa apresentar novas propostas que continuem a despertar o interesse do seu público de modo a garantir sua sobrevivência, principalmente em uma área como as ciências humanas.

Associado as novas propostas, poderíamos falar da importância do Marketing Científico, como ferramenta de propaganda disseminatória das descobertas a um maior público. Porém, o Marketing só funcionaria com eficácia atrelado a uma mentalidade criativa, como propões Eliade, que gere nas informações dinamismo ativando a curiosidade do público.

O fato era que os historiadores de sua época não atentaram para a importância de caminhar propondo novas idéias, novos caminhos, mas se esconderam nas “inovações” do seus antecessores, de modo que o novo se tornou velho, não ativando o mecanismo de curiosidade do público pela Histórias das Religiões, levando-o a migrar para outras ciências em busca de novas respostas.

Um segundo fator que levou ao obscurantismo da História das Religiões, foi a falta de diálogo da disciplina com outras áreas da vivência humana, tais como, por exemplo, a arte, poesia, filosofia, no sentido de apresenta-la (a Historia das Religiões) como matéria de relevância cultural. Some-se a esta constatação a ênfase nas ideologias materialistas, positivistas e a preocupação exarcebada em estabelecer as bases da disciplina, de modo que a concentração dos esforços estava no estudo da filologia.

Eliade, defende a idéia de que um bom historiador das religiões,

engajado na sua disciplina, deve se dedicar ao estudo das religiões asiáticas e do imenso mundo “primitivo”, para ser capaz de captar as principais idéias de todas as religiões do antigo oriente próximo:

Mas se ele é fiel aos objetivos da sua disciplina - um historiador das religiões da Ásia e do vasto mundo "primitivo"- espera-se que ele seja capaz de compreender as ideias fundamentais de todas as religiões do antigo Oriente Próximo, o mundo Mediterrâneo, e do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Obviamente, não é uma questão de dominar todos esses domínios como filólogo e historiador, mas de assimilar as pesquisas dos especialistas e de integrá-las na perspectiva específica da História das Religiões. (ELIADE, 1965, p. 4)

Ele é partidário da ideologia de que um pesquisador das religiões, de qualidade, deve ter bons conhecimentos filológicos caso contrário não deveria ser considerado um pesquisador ou estudioso responsável.

Apesar da posição privilegiada que o historiador das religiões ocupava, partindo da premissa que ele era um bom conhecedor das religiões asiáticas e do mundo primitivo, segundo Eliade ele não estava fazendo bom proveito de sua posição.

Recordei estes fatos em outro lugar para mostrar o pequeno lucro que os historiadores das religiões têm atraído a partir de sua situação privilegiada. (ELIADE, 1965, p. 5)

Uma das principais problemática em relação aos historiadores da religião, na época de Eliade, consistia na falta de ousadia não vivenciada pelos mesmos. As pesquisas caminhavam preocupadas, quase que unicamente, em firmar suas bases envolvendo-se pouco em questões hermenêuticas, o que levou a ao declínio da criatividade nas últimas gerações de historiadores da religião.

Naquele contexto histórico o interesse nas religiões estava sendo

sustentado, principalmente, por outras áreas acadêmicas e não pelo fruto do trabalho dos historiadores da religião. Trabalhos da psicologia, antropologia, teologia e críticos literários eram os mais interessantes:

Se alguém ainda fala de tabu e totemismo, é acima de tudo devido a popularidade de Freud; Se alguém está interessado em religiões dos "primitivos", é graças a Malinowski e alguns outros antropólogos; Se o chamado mito e ritual escola ainda atrai a atenção do público, é por causa dos teólogos e alguns críticos literários. (ELIADE, 1965, p. 5)

Porém, apesar da descrição que ocupava no cenário acadêmico, acreditava-se que era possível reverter aquele quadro e atrair novamente o interesse de pesquisadores para esta área do saber, desde que houvesse uma tomada de consciência dos historiadores da religião, em relação a gama de possibilidades que está diante deles, e passassem a desenvolver uma nova hermenêutica em torno do fenômeno religioso tendo a criatividade como âncora de todo o processo. Nesta direção Eliade propõe a ruptura com uma proposta puramente analítica que iria dialogar com generalizações, sínteses e hipóteses já na primeira fase da construção científica.

A proposta hermenêutica de Eliade está enraizada na sua concepção de símbolo que, em hipótese nenhuma, pode ser apresentado em categorias reducionistas, ao contrário, nele há a possibilidade de conhecer-se o novo, ensejando uma interpretação flexível, aberta, criativa.

Dentro da perspectiva eliadiana, o símbolo tem a capacidade de tornar presente aquilo que se encontra ausente, levando o ser a ativar categorias simbólicas, tornando possível, através desta linguagem, a influências do sagrado no indivíduo, posto que o símbolo não é fechado em si mesmo no tempo, mas trans-histórico.

Sempre possível de ser reinterpretado, e atemporal, o símbolo dá condições ao Homo Religiosus contemporâneo de participar do evento

primordial ao mesmo tempo possibilitando a abertura a uma ressignificação no contexto em que se encontra atualmente no seu espaço e tempo:

O simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem por isso prejudicar seus valores próprios e imediatos. Aplicado a um objeto ou a uma ação, o simbolismo os torna “abertos”. O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações. O homem das sociedades arcaicas tomou consciência de si mesmo em um “mundo aberto” e rico de significados. Resta saber se essas “aberturas” são meios de fuga ou se, ao contrário, constituem a única possibilidade de alcançar a verdadeira realidade do mundo. (Eliade, 2002, p.178)

Para Eliade a linguagem simbólica é anterior à razão discursiva. Ele defende a teoria de que são as imagens, os símbolos e mitos, responsáveis em revelar ao ser o que lhe é de mais essencial para o espírito e o desenvolvimento das potencialidades do ser. Se referindo a capacidade dos símbolos, Guimarães diz:

Os símbolos são tão necessários à expressão do espírito como o corpo o é a sua existência. A dualidade “conteúdo-aparência” é inerente ao dinamismo de realização do espírito: este só se realiza a si próprio *em e pelo* outro. Por conseguinte, a função essencial do símbolo é colocar o espírito em condições de se exprimir. A pluralidade das estruturas simbólicas liga-se à natureza multiforme do espírito que exige uma expressão múltipla. Tal expressão refere-se à tensão entre a aparência finita e o conteúdo infinito que dá ao símbolo o seu poder sugestivo. A constituição essencial do homem é, portanto, simbólica: não há um ato seu sequer que seja só espiritual, do mesmo modo que não há nenhum ato seu que seja vazio de significação. (Guimaraes, 2000, p.458)

Criticando a mentalidade moderna da pesquisa e o olhar sagra-

do para o método filológico, como a última palavra autoritativa em questões metodológicas, Eliade fala da necessidade de avançar em direção a novos horizontes, que estariam acima da fase analítica, introduzindo para tanto o uso de uma nova hermenêutica como passagem para esta dimensão mais elevada da pesquisa histórico-religiosa. Ou seja, seria necessário esquivar-se da prática de manipular os dados religiosos de uma maneira puramente cientificista segundo propõe as ciências naturais.

Em sua forma de pensar a História das religiões, Mircea Eliade defende a importância do uso de uma “hermenêutica criativa” quando se manipula os dados religiosos, o que afronta os limites impostos pelo “cientificismo” e pelas ciências naturais:

Tais hermenêuticas criativas nem sempre aparecem para orientar o trabalho dos historiadores das religiões, porque, talvez, exista uma inibição provocada pelo triunfo do "cientificismo" em determinadas disciplinas humanistas(...) Nem a História das Religiões, nem qualquer outra disciplina humanista, deve se conformar(...) com os modelos emprestados das ciências naturais, ainda mais que estes modelos estão desatualizados, especialmente aqueles emprestado da física. (ELIADE, 1965, p. 7)

Diferentemente das ciências naturais bem como da sociologia que possuem seu próprio modelo, o historiador das religiões, no desenvolvimento de seu trabalho hermenêutico, precisaria entender que cada cultura seria constituída por uma série de interpretações e revalorização de seus mitos ou das suas ideologias específicas.

Segundo Eliade o fato de uma hermenêutica levar a sério a criação de novos valores culturais não significava que não era "objetiva". Ele chega a comparar a hermenêutica criativa a uma ciência dura como a ciência tecnológica, tendo em vista que ela também lida com a realidade:

a partir de um certo ponto de vista, pode-se comparar a “descoberta” hermenêutica a um método científico ou tecnológico. Antes da descoberta, a realidade que se veio a descobrir estava lá, apenas um não via, ou não se entendia, ou não se sabia como usá-la. Da mesma forma, uma hermenêutica criativa revela significações que um não entendia antes, ou os coloca em relevo com tal vigor que, depois de ter assimilado essa interpretação a consciência não é mais a mesma. (ELIADE, 1965, p. 8)

Em um segundo momento Eliade diz que o próprio historiador geralmente é afetado pelo que produz, sentindo as consequências de seu próprio trabalho hermenêutico. Se isso não acontecesse era porque o historiador desenvolveu mecanismos de autoproteção porém essa não era a situação ideal, posto que, segundo sua ótica, o historiador deveria se deixar influenciar pelos mundo espirituais de sua pesquisa.

A relevância do papel do historiador das Religiões estaria na sua capacidade investigativa e elucidativa de um número considerável de situações significativas no estudo das religiões. Eliade chega a afirmar que só o historiador das religiões era capacitado o suficiente para usar a hermenêutica de uma forma relevante:

Agora, a História das Religiões é capaz de investigar e elucidar um número considerável de "situações significativas" e as modalidades de que existe no mundo, que são inacessíveis a outro sábio. Não é apenas uma questão de apresentar "matérias-primas", para os filósofos que não saberiam o que fazer com os documentos que refletem o comportamento e idéias muito diferentes daqueles que lhes é familiar. O trabalho hermenêutico deve ser feito pelo historiador das religiões, pois só ele está preparado para entender e apreciar a complexidade semântica de seus documentos. (ELIADE, 1965, p. 9)

Para que a hermenêutica criativa pudesse ser uma ferramenta real dos historiadores da religião, seria necessário romper com a dinâmica filosófica de pensamento e assumir a função de manejar os documentos com a ótica de esclarecer comportamentos não compreensíveis, buscando a elevação da compreensão humana de universos que não

seriam clarificados por outras disciplinas:

Em outras palavras, eles obrigaram-se a pensar em conformidade com o modelo dos filósofos profissionais o que é um erro. Nem filósofos nem os homens da cultura estão interessados em segunda mão de réplicas de seus colegas e autores favoritos. Ao decidir "pensar como X" sobre o arcaico ou oriental penso que o historiador das religiões se mutila e falsifica. O que se espera dele é que ele decifre e elucide o comportamento e situações enigmáticas, em resumo, ele vai avançar na compreensão do homem através da recuperação ou reestabelecer significados que teriam sido esquecidos, desacreditados, ou abolidos. A originalidade e a importância de tais contribuição residem precisamente no fato de que eles exploram e iluminam universos espirituais que estão submersos ou que só são acessíveis com grande dificuldade. (ELLADE, 1965, p. 10; tradução nossa)

O diálogo com experiências artísticas contemporâneas também seriam importantes na construção da pesquisa do historiador das religiões. Por um lado o historiador seria motivado a rever suas pesquisas frente a arte, por outro a exegese que histórico-religiosa produzida pelo historiador das religiões estimularia os artistas, escritores e críticos, posto que promoveria um encontro entre situações que poderiam se esclarecer reciprocamente.

Existe um grande interesse dos críticos em matérias como simbolismo e rituais de iniciação para elucidar a mensagem secreta de determinadas obras. Eliade acreditava que na literatura os sonhos e desvaneos convidavam o historiador das religiões para meditar com mais atenção sobre o valor de seus próprios documentos, bem como refletir sobre o fator pedagógico da História das Religiões, que tinha capacidade mudar o homem frente a criação de valores culturais produzidos pela disciplina.

Utilizando-se de uma famosa expressão de Tertuliano - "o que Atenas e Jerusalém têm em comum" - Eliade busca diferenciar o papel dos teólogos e dos historiadores da religião. Enquanto os teólogos

pertencem a um grupo mais fechado em relação a inovações (apesar dele reconhecer a abertura de alguns que estão promovendo a teologia da cultura) o historiador das religiões, ao contrário, transita em várias áreas do saber a fim de promover a inovação cultural (criação da cultura) ou modificação do homem, que é a finalidade última desta hermenêutica. (ELIADE, 1965, p. 13)

Outra contribuição importante do método eliadiano de História das Religiões, estaria no fato dele não se apresentar reducionista frente ao fenômeno religioso. Enquanto outras categorias de análise iriam se reportar ao fenômeno como projeções do inconsciente, como mecanismos sociais, econômicos ou políticos, o historiador não se preocupar em tentar “desmistificar” qualquer fenômeno, posto que a hermenêutica criativa serve-se da história religiosa (mito) da maneira como ela se apresenta:

Lembre-mos, no entanto, de um único exemplo. Em uma série de culturas tradicionais arcaicas da aldeia, templo ou casa é considerado um espécie de "centro do mundo". Não há sentido em tentar "desmistificar" tal crença, chamando a atenção do leitor para o fato de que não existe um centro do mundo e que, em qualquer caso, a multiplicidade de tais centros seria uma noção absurda porque é contraditória. Pelo contrário, é necessário tomar essa crença a sério, tentando esclarecer todo o seu ritual, e cosmologia(...) É necessário que o historiador das religiões lembre que a desmistificação não serve à hermenêutica (ELIADE, 1965, p. 14,15)

A História das Religiões só seria capaz de desempenhar esse papel quando seus historiadores tomassem consciência de suas responsabilidades, em outras palavras, libertarem-se do complexo de inferioridade, timidez, e imobilidade que estavam vivenciando nos dias de Eliade, e passassem a construir valores culturais, com base em produções histórico-religiosas de qualidade. Tal atitude era levada muito a sério por Eliade, na verdade poderíamos dizer que era determinante. Segundo ele se esta consciência, ou postura, não fosse encarada com

seriedade:

as "generalizações" e "sínteses" serão feitas por diletantes, amadores, jornalistas(...), em vez de uma hermenêutica criativa na perspectiva da História das religiões, vamos continuar a nos submeter as interpretações audaciosas e irrelevantes de realidades religiosas feitas por psicólogos, sociólogos, ou devotos de ideologias reducionistas diversos. E, para uma ou duas gerações ainda vamos ler livros em que as realidades religiosas serão explicadas em termos de infantis, traumatismos, organização social, conflitos de classe, e assim por diante. Certamente tais livros, incluindo os produzidos por diletantes bem como aquelas escritas por reducionistas de vários tipos, continuará a ser apresentada, e, provavelmente, com o mesmo sucesso. (ELIADE, 1965, p. 16)

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Apesar de que, em alguns momentos, na busca de enfatizar a importância do papel do historiador das religiões e delimitar sua esfera de atuação e forma de trabalho, Mircea Eliade tenha exagerado em suas colocações quando, por exemplo, diz que o “único capacitado a desenvolver uma hermenêutica relevante em relação ao fenômeno religioso é o historiador da religião”, bem como, quando defende a idéia de que o “historiador da religião deve se deixar influenciar pela religião de sua pesquisa”, deixando com isso transparecer sua veia antropológica, ou mesmo quando trata outras áreas como inferiores nas contribuições para o campo da Religião - sua proposta é de uma relevância ímpar para os cientistas da religião, posto que, rompe com modelos de outras áreas que no geral, de fato, são reducionistas (sem descartar contribuições dos mesmos), abrindo oportunidade para os estudos do fenômeno religioso através da ótica do religioso, que se constitui em uma nova porta de entrada para o desenvolvimento de pesquisas no campo do estudo da religião.

Eliade chama atenção para necessidade de abordar o fenômeno religioso a partir daquilo que ele denomina de “universo espiritual”

visando a não diluição do fenômeno levando a disciplina a confundindo-se com outras categorias de análises, e, conseqüentemente, o seu desaparecimento.

Segundo Eliade, o estudo do “mundo espiritual” é a temática que requer a principal concentração dos esforços do historiador das religiões. Caso ele não entenda a dimensão de sua responsabilidade, em preservar esta dimensão das religiões, suas pesquisas não possuirão contribuições relevantes que enriqueçam a cultura ocidental e mundial:

Parece-me difícil acreditar que, vivendo em um momento histórico como o nosso, os historiadores das religiões não vão despertar para as possibilidades criativas de sua disciplina. Como assimilar culturalmente os universos espirituais que Africa, Oceania, sudeste da Ásia abrem para nós? Todos estes universos espirituais têm uma origem religiosa e estrutura. Se a pessoa não abordá-los na perspectiva da História das Religiões, eles vão desaparecer como universos espirituais, pois eles vão ser reduzidas a fatos sobre organizações sociais, regimes econômicos, épocas da história pré-colonial e colonial, etc Em outras palavras, eles não vão ser compreendidos como criações espirituais, não irão enriquecer a cultura ocidental e do mundo - servirão apenas para aumentar o número, já aterrorizante, de documentos classificados em arquivos, que os computadores eletrônicos aguardam. (ELIADE, 1965, p. 16)

Diferente de outras ciências, que também lidam com elementos das religiões, tais como ritual, mito, simbolismo religioso, concepções de iniciação, morte, etc., cabe a História das Religiões o papel de se preocupar com a “dimensão espiritual” destes elementos, caso o contrário, nas palavras de Eliade “o vazio deixado pelo desaparecimento da História das Religiões como uma disciplina autônoma não será preenchido”.

Esta proposta hermenêutica é bastante interessante, para não dizer necessária, para o estudo da Religião, oferecendo às Ciências da Religião, que é um campo pluridisciplinar, aberto a novas formas de

estudar as religiões, um método relevante para que seus cientistas trabalhem com o fenômeno religioso por um viés que busque contemplar ao máximo seu objeto de estudo.

Este caminho não necessariamente, obterá respostas que se enquadrem em outras categorias de estudo, em outras metodologias não abertas ao universo metafísico ou a crença nele, posto que estes não estudem a vida, tal como se apresenta, em todas as suas dimensões. A metodologia eliadiana, ao contrário, oferece-nos um método interpretativo científico, não positivista, de grande utilidade no campo das Ciências Humanas.

3

TRANSMISSÃO DA MEMÓRIA

Prof. Dr. Filipe Guimarães²⁵

Ao decidir investigar eventos passados naturalmente nos confrontaremos com perguntas do tipo: Será que podemos investigar memórias? É possível evocá-las como fenômenos? Não seria natural que elas se perdessem com o passar do tempo? As recordações são realmente confiáveis? A tradição oral é segura?

Inicialmente passaremos a examinar a possibilidade de preservação autêntica tomando como base o pensamento de Bauckham²⁶, quando discorre sobre a possibilidade de autenticidade da memória apresentando uma série de circunstâncias importantes que servem para atestar que registros mentais passados podem ser preservados com qualidade. Seus argumentos são:

1º - *Evento único ou incomum*. Trata-se daqueles eventos cujas ocorrências na vida cotidiana são pouco frequentes facilitando sua memorização em relação a situações rotineiras.

2º - *Evento significativo ou importante*. Ficam registrados por sua relevância para aqueles que deles se lembram. Aquilo que é trivial ou sem importância é facilmente esquecido.

3º - *Evento em que uma pessoa está emocionalmente envolvida*. Embora ele reconheça que os estudos psicológicos não sejam conclusivos sobre os efeitos da emoção sobre a memória, admite que, em geral, a emoção parece ter um efeito positivo sobre a memória, incrementando a sua

²⁵ Professor do Curso de Relações Internacionais da UNIFAP.

²⁶ BAUCKHAM, R. *apud* FARIA, A. L. S. *Quem vos ouve, ouve a mim*: oralidade e memória nos cristianismos originários. Rio de Janeiro: Kliné, 2011, p. 85-90.

vivacidade, integridade e longevidade.

4º - *Imagens vívidas*. A maioria das memórias recordadas que se apresentam mais precisas são aquelas cujo conteúdo é povoado de imagens.

5º - *Detalhes irrelevantes*. Estudos apontam que memórias autobiográficas incluem detalhes sem importância e estes detalhes têm sido especialmente associados com memórias em flash, ou seja, memórias repentinas e rápidas.

6º - *Ponto de vista*. As memórias autobiográficas podem assumir duas formas em relação ao ponto de vista. Elas podem ser “memórias de campo”, em que as imagens da memória apresentam a cena original do ponto de vista a partir do qual ela foi originalmente experimentada e “memórias do observador”, em que as imagens da memória se formam como originadas pela experiência de um observador externo. –Ele fala desta perspectiva embasado em estudos que sugerem que as “memórias de campo” são mais prováveis no caso de memórias recentes, embora Bauckham admita parecer também ser verdadeiro que as pessoas possam mudar de ponto de vista acerca de sua posição quanto a um evento que se recorda.

7º - *Datação*. As evidências apontam que as memórias excluem, em absoluto, informações relativas a tempo na maioria dos casos. Embora uma recordação típica inclua referências sobre localização, ações, pessoas, emoções e pensamentos, podendo acrescentar dados sobre horário, lembrar-se com exatidão das datas é muito incomum.

8º - *Essência e detalhes*. A “essência” da memória é comumente a sequência ou a estrutura que faz o evento ter sentido para a pessoa que inicialmente percebe o evento e então o memoriza. Logo, embora os detalhes possam ser distorcidos e/ou perdidos, a “essência” conserva a precisão do que foi vivido.

9º - *Repetição freqüente*. Trazer à consciência uma cena, uma fala ou outra informação reiterada vezes é um fator importante na retenção da memória e na precisão com que é retida. Isto pode envolver a construção da memória em uma forma narrativa padrão em vez de uma forma de

memória revivida.

É salutar introduzirmos neste ponto uma definição embasatória, visando a um chão epistemológico que nos sirva não como estrutura conceitual de caráter fundamentalista, mas como bússola que nos indique um norte para a presente construção. As leituras acadêmicas nos permitem construir um conceito para memória como sendo *os registros da percepção humana que podem ser transmitidos a outrem através da oralidade, escrita, arte, ou outra forma de texto, permitindo aos indivíduos receptores a construção de pontes epistemológicas que promovam a interação com as experiências dos indivíduos comunicadores.*

Pelo fato dos indivíduos nascerem e crescerem em comunidades, é razoável deduzirmos que sua própria linguagem reflexiva, produtora da memória individual, é fruto da memória cultural da sociedade a eles transmitida. Ou seja, quando a sociedade lhes ensina, por exemplo, em seus tenros anos, a linguagem da culinária, cerimônia, moral, religião, etc., esta linguagem, em sua natureza, já se constitui uma memória, que podemos chamar de *memória da linguagem referencial*, sem a qual seria impossível haver a construção e transmissão de qualquer memória que retroalimentasse a coletividade.

É importante entendermos memória como percepção, para nos possibilitar certo distanciamento da tendência de falarmos de “realidade histórica” ao invés de *percepções da realidade histórica*. A realidade tal como se apresentou não pode ser captada e transmitida em todos os seus detalhes. Ela é um evento único e autônomo a qualquer indivíduo. Ela é captada através dos sentidos do sujeito, é discernida através de sua subjetividade e sofre cortes e significações antes de ser transmitida. Poderíamos dizer que a memória passa por pelo menos três cortes principais, em três momentos distintos. Ela sofre cortes no ato do: *processamento, transmissão e recepção*.

O primeiro corte, ou recorte (*processamento*), acontece logo quando o indivíduo contata a realidade. Esse ser, que possui um instrumental mental próprio, carregado de subjetivismo resultantes de

suas experiências, experiências transmitidas, informações obtidas através de estudos, crenças etc., irá interpretar a realidade a ele apresentada.

Os exemplos que iremos construir a partir de agora seriam, a rigor, classificados como *intenções vazias criativas*, posto que são obras da imaginação do autor. Porém, a título de exercício, vamos imaginá-los como lembranças de acontecimentos reais, para que possamos classificá-los como *intenções vazias de memória*.

Pensemos em uma tribo indígena, isolada, que nunca teve contato com os “homens brancos”, e que, certo dia, alguns indivíduos tem a experiência de, pela primeira vez, visualizar um avião sobrevoando suas terras. Qual seria a reação deles? Provavelmente de assombro ou ameaça. A seguir uma fotografia ilustrativa²⁷:

Tribo na Amazônia



Fonte: Foto de Gleison Miranda/FUNAI.

Agora façamos o exercício de tentar enxergar o que foi aquela experiência. Certamente aqueles índios tiveram noções das cores do

²⁷ Em 2008, uma tribo indígena, isolada, na Amazônia ao ver um avião sobrevoando suas terras pegou arcos e flechas e apontou para a aeronave, como que se preparando para a guerra diante do sentimento de ameaça e espanto que aquela provável pioneira experiência gerou. A foto foi extraída do endereço eletrônico: <http://www.survivalinternational.org/povos/indios-isolados-brasil>.

avião, o som que produzia, seu tamanho, a velocidade, mas não muito mais do que isso. Aquela foi uma experiência pioneira. Imaginemos que eles nunca ouviram falar de Objeto Voador Não Identificado (OVNI); naturalmente a percepção que tiveram daquele fenômeno foi reduzida, dada a ausência de uma memória da linguagem referencial na cultura.

Agora imaginemos outra situação hipotética. Um engenheiro mecânico da aeronáutica, de férias, visita um museu de aviões e depara-se com um PT-19²⁸ no salão com a aparência de novo. Por um breve momento ele olha para a aeronave e faz uma análise. Como será que ele identificaria aquela realidade? Provavelmente ele analisaria o estabilizador vertical, o estabilizador horizontal, encaixe dos flaps, borda frontal das asas, caixa central das asas, trem de pouso, fuselagem, seria capaz de descrever o modelo, capacidade, época em que foi fabricada, velocidade que podia atingir, altitude máxima que podia voar, modelo do motor, e muitas outras minúcias que fazem parte do mundo de um especialista em aviões.

Porém, por mais precisas que sejam as informações que um engenheiro mecânico da aeronáutica possa dar para aquela cena, também estará a fazer uma descrição reduzida. Existe uma infinidade de detalhes associados àquela aeronave de que ele não é capaz de dar conta. Por mais que conheça sobre aviões, não será capaz de dizer, por exemplo, a quantidade exata de tinta que se gastou para pintar a aeronave, que partes foram retiradas antes de se tornar parte da coleção do museu, ou o que impediria aquela aeronave de voar novamente. Detalhes insignificantes, quando pensamos o contexto geral, porém igualmente pertencentes àquela realidade.

É axiomático que a percepção dos dois fenômenos se dê através de recortes; contudo, haverá uma diferença no *grau de distanciamento da realidade* em ambas as experiências. Certamente que o segundo exemplo se refere a uma percepção mais elevada da realidade, em maior grau de

²⁸ Aeronave usada nas forças americanas e brasileiras fabricada em 1943.

aproximação²⁹.

O segundo recorte acontece no ato da *transmissão*, que, por tabela, provocará um maior distanciamento da realidade primária. Ou seja, uma coisa é a memória do indivíduo, que passou pela experiência, outra é a memória que ele transmitirá a outros. Ninguém transmite, em todos os detalhes, a realidade discernida. Geralmente os aspectos que serão repassados serão os que mais marcaram a subjetividade do indivíduo. Neste sentido é correto afirmar que a memória dos indivíduos afetados por uma determinada realidade sempre será mais próxima da realidade do que o texto da memória por ele transmitido.

Apesar do texto (qualquer unidade de informação) possuir a capacidade gerativa de novos sentidos, é importante pontuarmos esta afirmação com a seguinte asserção: *a atividade de geração de novos sentidos sempre será mais intensa em textos mais polissêmicos*.³⁰

Voltemos ao exemplo dos índios e levantemos outra situação hipotética. Imaginemos que apenas aqueles três índios da foto viram a aeronave passando rapidamente por suas terras e que os demais integrantes da aldeia estavam caçando, ou dentro de suas ocas, e não tiveram a experiência de contemplar aquela realidade. No final da tarde, quando a tribo está reunida, os três indivíduos, ainda atônitos, começam a relatar a espantosa memória adquirida naquele dia. Provavelmente a conversa seria algo do tipo: - “Irmãos! Irmãos! Hoje nós contemplamos um grande pássaro colorido, que não bate as asas, que é mais veloz do que a águia, que rugia mais alto do que a onça, querendo atacar nossa tribo, mas conseguimos afugentá-lo com o poder dos nossos arcos”.

Bem, independente do tom da conversa, uma memória passou a fazer parte daquela coletividade – e com toda certeza eles não

²⁹ “maior grau de aproximação” significa a capacidade que o texto possui de promover fortes impressões de uma determinada realidade nos indivíduos receptores, gerando um entendimento mais cognoscível de um evento passado.

³⁰ Afirmar que um texto é mais polissêmico significa dizer que ele é mais aberto a novas significações, ou interpretações, que se distanciam de sua identidade mesma.

descreveram a cena como sendo um episódio de um avião de pesquisa que estava levantando dados para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) com o intuito de analisar a aldeia e a floresta amazônica!

Pelo fato destes indivíduos não possuírem instrumental subjetivo mais adequado para analisar com propriedade aquela realidade, certamente que a forma de construção da linguagem, seria através de uma associação primária a pássaros e outros animais que, provavelmente, seja o signo de linguagem que eles dispõem mais próximo de uma associação com um avião. Tal ausência (linguagem apropriada), conseqüentemente, produz um grande recorte da realidade primitiva ou um grande distanciamento. Eles não conseguiriam descrever tudo que viram, por mais que as imagens estejam vivas em suas mentes, pois não existe entre eles, em sua unidade de código, uma linguagem que possua sofisticação adequada para detalhar aquela experiência com mais propriedade.

No caso do engenheiro, imaginemos que ele compartilha a experiência do museu com um amigo, não engenheiro, um tanto orgulhoso para fazer perguntas. Dada a sofisticação da linguagem do engenheiro, conhecimento de causa e o fato de possuir em comum com seu amigo uma unidade de código que contemple essa realidade, ele tem a oportunidade de transmitir imagens mais concretas, com mais riqueza de detalhes ao outro indivíduo, aproximando-o com maior intensidade da percepção da realidade contemplada no museu.

Entre os dois casos certamente o dos indígenas é o mais polissêmico, em virtude das lacunas existentes na memória da cultura, o que gera uma ausência na memória da linguagem referencial. Tal situação confere aos índios um maior poder para remodelar a transmissão da memória através do uso de metáforas.

O terceiro recorte da realidade ocorre no ato da *recepção*. Os índios que não viram o avião irão imaginar um avião de uma maneira mais distante da realidade. Provavelmente o avião que será criado em suas mentes, ao ouvir o relato dos companheiros, literalmente, se

assemelhará a um grande pássaro. Isso é aquilo que podemos chamar de *redução por ausência*. Ou seja, a cultura não dispõe de uma memória capaz de descrever uma realidade que lhe é totalmente estranha.

No exemplo do engenheiro da aeronáutica a redução acontecerá pelo fato de seu amigo não ter o conhecimento da linguagem técnica e as experiências no ramo da mecânica pertencentes ao engenheiro, provocando uma redução na recepção da memória. Neste caso a redução acontecerá não pela falta de uma memória da linguagem referencial presente em sua cultura, mas pela ausência do conhecimento da linguagem referencial presente na cultura de uma micro coletividade, que queremos aqui denominar de *redução às avessas*.

A sofisticação cultural presente na sociedade a que o engenheiro pertence permite a criação de linguagens da memória muito restritas, especializadas, que não fazem parte da memória da linguagem referencial da macro coletividade, mas de uma minoria social. Ou seja, apenas engenheiros mecânicos da aeronáutica estariam habilitados a entender em suas minúcias os códigos da memória do engenheiro que visitou o museu. Neste caso podemos também afirmar que a comunicação entre um especialista que transmitiu sua memória através de uma linguagem técnica em uma conversa informal com um amigo não especialista (o que demonstra que ele não é um bom comunicador) permitirá uma recepção com certo grau de polissemia, não na mesma intensidade do caso dos indígenas, posto que este saiba o que é um avião, mas também será capaz de desenvolver uma nova memória mais distanciada da experiência primária.

Embasado nos exemplos supracitados, poderíamos dizer que a ausência de códigos de linguagem adequados para descrever certas realidades nos permite construir memórias mais polissêmicas, assim como a ausência do conhecimento dos códigos mais especializados da linguagem também enseja uma ampliação polissêmica da memória (ainda que em um nível diferente).

Continuando com o exercício (ainda supondo que seriam

intenções vazias de memória), a pergunta que faremos para fins classificatórios é: Que tipo de intenções vazias estes fenômenos são? Testemunhal ou narrativo? Analisemos por ângulos distintos. Para os integrantes da tribo que ouviram a narrativa, mas não viram a aeronave e para o amigo do engenheiro que também não presenciou o avião, estes seriam típicos casos de *intenções vazias de memória narrativa*. Porém nos casos dos índios que foram chocados com a visão do OVNI e o engenheiro nostálgico que contemplou e compartilhou a imagem da aeronave antiga, seriam classificados como *intenções vazias de memória testemunhal*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embasados nos argumentos construídos a partir dos exemplos, no que tange ao quesito polissemia, é correto afirmar que as *intenções vazias de memória narrativa* são mais polissêmicas, portanto mais distantes da realidade original, pois ensejam maior ingerência do elemento criativo ou imaginário. O oposto ocorre nas *intenções vazias de memória testemunhal*. Essas são possuidoras de maior nível de confiabilidade por se aproximarem com maior intensidade da realidade primária.

4

ASTECAS E MAIAS: CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS REGIDAS AO PAGANISMO E SACRIFÍCIOS HUMANOS

Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos³¹

Wellida Karla Bezerra Alves Vieira³²

O interesse de fazer esse estudo surgiu quando o pudemos participar do minicurso em Arqueologia da religião, ministrado pelo professor Dr. Filipe Guimarães, promovido pelo grupo de pesquisa GEPAI (Grupo de estudo e pesquisa em antropologia do imaginário) liderado pela Professora Pós Dr^a Eunice Simões, vinculado ao PPCGR (Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões) da UFPB. Ministrado aos alunos do Mestrado do departamento ora citado.

Esse ensaio tem o objetivo de apresentar o paganismo politeísta Maia e Asteca bem como seus entrelaces culturais e sociais, aspectos marcantes da cultura pré - colombiana, onde as mesmas se destacam por mostrarem ter uma prática bem peculiar que envolve os Sacrifícios Humanos no contexto das suas relações sociais, utilizando análise de imagens a partir artefatos arqueológicos relacionando-os a uma perspectiva histórica.

O sacrifício humano já era uma prática espiritualística do homem primitivo desde as primeiras civilizações ainda no paleolítico. Deuses védicos já agradeciam-se desta prática como forma de gratidão pelos seus adeptos como podemos ver em vários trechos entoados do “Rig Veda”. Porém, o mais interessante é percebermos que em diferentes lugares e etnias, essa prática teria a mesma simbologia: A fertiliza-

³¹ Mestrado em Ciências das Religiões pela UFPB.

³² Mestrado em Ciências das Religiões pela UFPB.

ção da terra, que traria vida com a própria vida. Ou seja, para eles, o derramamento de sangue que representa a vida humana iria irrigar a terra como oferta aos deuses; que em troca, iriam proporcionar prosperidade à determinada aldeia e ao povo prosperando suas plantações e controlando as mudanças climáticas e tragédias naturais.

Em várias partes do mundo já se encontrou vestígios de rituais de sacrifícios humanos; na América Pré - colombiana destacamos vários povos como os Maias, Astecas, Kálkias, Palni entre outros. Atualmente, as práticas de sacrifícios humanos são rejeitadas em algumas sociedades por considerarem ser um ato de assassinato.

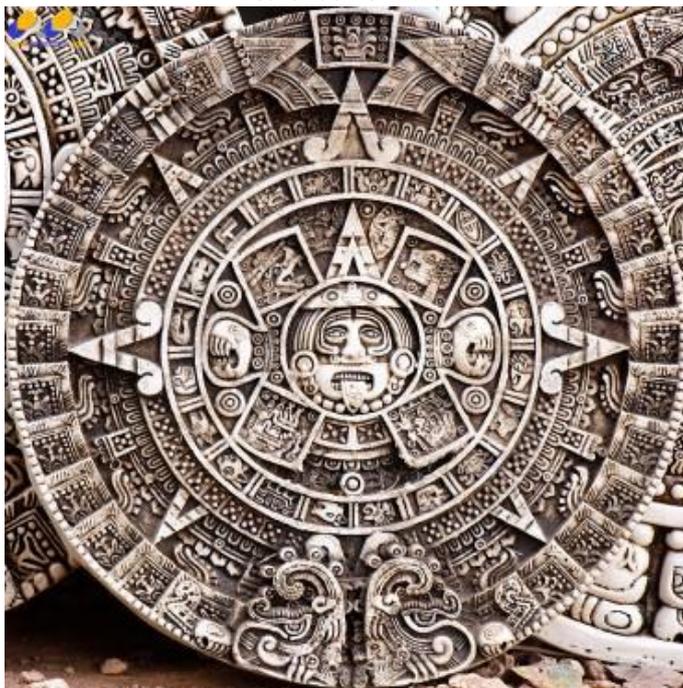
Apoiado nos aportes teóricos de GIRARD (1990) e VILHENA (2005), nos fez refletir e ter um maior entendimento do que vêm a ser os sacrifícios humanos e como se dão no contexto social uma vez que durante os períodos de construção social essa prática era muito comum, ditas como um ritual de sacralização, violência social e uma forma de reprodução cultural.

CULTURA MAIA E ASTECA

A cultura Maia era praticamente baseada em conhecimentos astronômicos, pois seus povos eram grandes observadores. Acabaram adquirindo conhecimentos acerca dos fenômenos d natureza como: o movimento do sol, lua, planetas, astros entre outros.

Nessa perspectiva, surgiu o famoso calendário Maia, que se parece muito com o da sociedade cristã. Na época, esse calendário era superior a todas as outras civilizações. Podemos observar na figura abaixo:

Calendário Maia



Fonte: <http://mitographos.blogspot.com.br/2012/01/o-calendario-maia-e-o-fim-do-mundo.html>

A civilização Maia era conhecida como o senhor do tempo

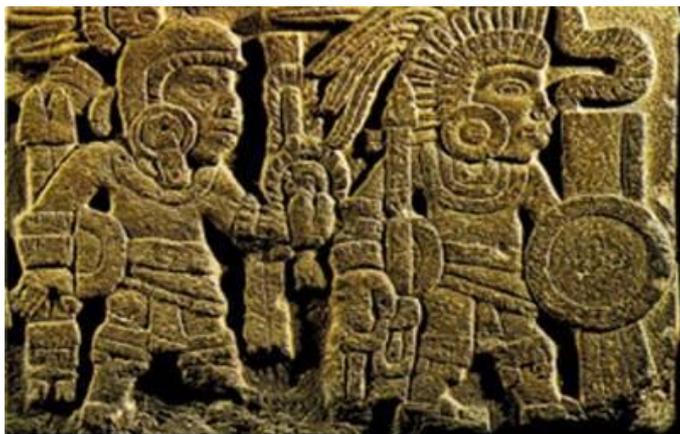
Glifos Maias em estuque no museu de Palenque, México.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_maia

Os Astecas foi um povo dedicado à guerra. Habitaram a região do atual México entre os séculos XIV e XVI. Fundaram no século XIV a importante cidade de Tenochtitlán (atual Cidade do México), numa área de pântanos, próxima do lago Texcoco. Sua sociedade era hierarquizada dividida em camadas bem definidas considerada por alguns como castas; era comandada por um imperador, que também era chefe do exército. A nobreza era formada por sacerdotes e chefes militares, já os camponeses, artesãos e trabalhadores urbanos compunham grande parte da população. Esta era considerada a camada mais baixa da sociedade que era obrigada a exercer um trabalho compulsório para o imperador quando este os convocava para trabalhos em obras públicas tais como: construção de canais de irrigação, estradas, templos, e pirâmides. Os astecas desenvolveram muito as técnicas agrícolas construindo obras de drenagem e as chinampas (ilhas de cultivo), onde plantavam e colhiam milho, pimenta, tomate, cacau etc. As sementes de cacau, por exemplo, eram usadas como moedas por este povo.

Seu artesanato era riquíssimo destacando-se a confecção de tecidos, objetos de ouro e prata e artigos com pinturas usos de plumagens e arranjos florais. Semelhantemente aos Maias sua religião era politeísta, pois cultuavam diversos deuses vinculados à natureza; dentre eles, os deuses Sol, Lua, Trovão, Chuva. Destacava-se ainda uma deusa representada por uma Serpente Emplumada também muito cultuadas por eles. A escrita era representada por desenhos e símbolos e seu calendário tinha por base o calendário Maia ocorrendo apenas algumas modificações realizadas pelos mesmos. Semelhantemente aos Maias, desenvolveram diversos conceitos matemáticos e de astronomia os quais tinham bastante importância nas suas atividades espirituais e sociais, como as construções monumentais, plantio e rituais sagrados.



Representação Asteca de guerreiros preparando-se para a guerra, armas, indumentárias de batalha misturados a adornos e penas. Peculiaridade da civilização.

INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS DOS MAIAS E ASTECAS

A civilização Maia habitava a região das florestas tropicais das atuais Guatemala, Honduras e Península de Yucatán (sul do atual México). Este povo viveu nestas regiões entre os séculos IV a.C e IX a.C. Entre os séculos IX e X, os toltecas invadiram essas regiões e dominaram a civilização maia.³³

³³ Ver História dos Maias disponível em: <http://www.suapesquisa.com/pesquisa/maias.htm>



Até o início do século XIV, os Astecas³⁴ não passavam de um povo nômade.

Vindos do Norte como guerreiros mercenários, instalaram-se no planalto de Anahuac. Ainda pouco civilizados, acrescentaram apenas seu militarismo e sua vontade indomável à antiquíssima cultura maia e, em seguida, à tolteca. E fundaram um império que se estendeu do Norte do México à Guatemala atuais e do oceano Pacífico ao Atlântico, ao vencerem e dominarem outros povos como os toltecas, Maias, Mistecas, Olmecas, Chinchimecas e outros. O império Asteca desapareceu quase completamente em consequência das ações dos dominadores espanhóis. Numa ilha do lago Texcoco, na atual Cidade do México, guiados pelo chefe Tenoch, os astecas firmaram seu desejo de crescimento e concluíram ter encontrado ali o centro de sua expansão. Tenoch ordenou que construíssem uma cidade no lago maior, erguendo as habitações sobre estacas e unindo-as à terra firme por meio de pontes.

Assim, os astecas tinham seu lar: uma aldeia de miseráveis cabanas nos pântanos do lago Texcoco no ano de 1325, iniciando assim a grandiosa cidade de Tenochtitlan.

³⁴ Informações adquiridas a partir da obra de SOUSTELLE (1990)

A partir dela, o império se estendeu sobre todo o México central e sul. As tribos vencidas só mantinham seu governo se aceitassem as tropas astecas, a anexação de suas terras pelos nobres, a captura de vítimas para os sacrifícios aos deuses, à pilhagem de suas cidades.



(Mapa adquirido via Internet)

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO E SUAS PRÁTICAS

A religião praticada dos Maias era politeísta, acreditavam em vários deuses ligados à natureza. Essa civilização tinha como prática religiosa os sacrifícios humanos que eram realizados contexto de certos cultos.

Os sacrifícios humanos eram praticas constantes em muitas civilizações não apenas os Maias, como também os Astecas, entre outras. Já foram encontrados diversos corpos sacrificados foram encontrados inclusive na América Central. Atualmente, é possível afirmar que Os sacrifícios humanos ainda acontecem, ocorrendo em algumas

religiões como práticas secretas.

Há diversas perspectivas direcionadas sobre os sacrifícios humanos como as dimensões sociológicas, antropológica, religiosas, filosóficas, entre outras que buscam dar sentido, significados a essas práticas. A maioria dos sacrifícios humanos são de caráter religioso; na História da humanidade desde o período da antiguidade essa prática se dava em forma de ritual.

Os sacrifícios humanos podem ser divididos em duas vertentes:

- Exocanibalismo (diz respeito à morte da força guerreira, ou seja a sacrifcação do guerreiro mais valente);
- Endocanibalismo (diz respeito a beber o sangue do morto sacrificado).

Se as práticas de sacrifícios humanos são consideradas um rito, é preciso nos apropriarmos do significado para tal compreensão, nos debruçando no conceito que Vilhena (2005) traz. Entende-se que o rito é:

[...] expressão e síntese do ethos cultural de um povo, portanto expressão de sua vida há de se salientar que, como ação, é vida acontecendo, processando-se, sendo significada, interpretada, ordenada, criada. O rito é vida criando vida, pois que no caos, na indeterminação, na falta de horizontes e sentido não sobrevivemos. É, portanto, atividade, trabalho, obra que opera, transforma, cria, significa. (P. 55).

Nessa perspectiva que fazemos a abordagem a respeito dos sacrifícios humanos, no sentido que os mesmos servem para dar razão à existência própria do humano, para dar sentido a essa existência. Como o sacrifício é um mecanismo que produz o sagrado, assim podemos afirmar que nesse aspecto a morte faz com que a vida se renasça cada vez que há um sacrifício, no caso humano.

Em uma perspectiva sociológica do fenômeno religioso

podemos constatar que muitas vezes as presenças desses sacrifícios existem como uma forma de controle da violência da sociedade. Nesse sentido, o sacrifício humano diz respeito ao círculo vicioso de uma sociedade que toma esse sacrifício como uma violência simbólica.

Assim, sendo um elemento controlador de vingança o sacrifício desempenha um papel crucial de pacificar as violências internas de uma determinada sociedade. Neste caso, o sacrifício humano funciona de forma consensual, ou seja, quanto mais aguda for a crise de uma sociedade, mais a vítima precisa ser preciosa.

Essa visão podemos observar na fala de Girard (1990), quando afirma que:

O sacrifício, com efeito, é uma ação que permite neutralizar, certamente à revelia de seus autores, a enorme carga de violência coletiva mimética que coloca em risco a própria destruição a sociedade. Na sociedade, cada um pode se opor ao outro para se apropriar do objeto de seu desejo e do desejo do outro. No sacrifício esta violência social é reunida e projetada sobre a vítima colocada à morte: “o bode expiatório”. (P. 44).

Para esse autor, o “bode expiatório” neste caso seria como uma solução para a sociedade, em uma espécie de pacificador, no lugar de ser uma violência maior entre a sociedade para uma só vítima, nesse sentido o expiatório serve para apaziguar essa violência que seria geral.

Os Astecas, semelhantemente aos Maias também eram politeístas. Porém, foi uma civilização que praticava com muita frequência os rituais de sacrifícios humanos. Segundo relatos escritos pelos colonizadores em 1500, narram-se até mil sacrifícios humanos em três dias realizados pelos sacerdotes astecas e que encontraram sua pirâmide ritual banhada em sangue. A oferenda mais praticada nos ritos de sacrifício asteca era a retirada do coração ainda pulsando da vítima, que agonizando, ainda contemplava seu órgão pulsar enquanto morria. Esse sacrifício era ofertado ao deus Sol que controlava as forças da natureza e merecia um sacrifício muito valioso. O sacerdote não levava mais do

que um minuto e meio para golpear o peitoral e arrancar o órgão da vítima. Essas vítimas ofertadas geralmente eram prisioneiros de guerra preferencialmente guerreiros e homens.

Outro sacrifício humano praticado pelos astecas era a queima da pele: um guerreiro preso em batalha era morto e sua pele era retirada por completa pelo sacerdote que a envolvia em seu corpo e dançava ao luar acima da pirâmide sacrificial oferecendo a outra divindade asteca, uma vez que essa civilização era politeísta. Porém, nem todos os sacrifícios praticados pelos astecas eram de tom macabro; existia um rito que era realizado a partir da escolha de um guerreiro Cáltico da própria civilização. Era rigorosamente selecionada pela força, destreza, beleza, enfim; qualidades positivas que deveriam ser ofertadas as divindades.

Durante um ano ele seria tratado como um deus desfilando em atos públicos aclamado pelo povo, tocando uma flauta sagrada para a ocasião. Em seus últimos dias de vida lhe era oferecido sexo para purificação do corpo e na hora final subia ao altar sozinho quebrando a flauta representando o fim de sua vida terrena. O sacerdote retirava seu coração e sua carne seria consumida por eles e enterrada junto às plantações. Em 1521, essas práticas chegam ao fim devido ao posicionamento dos colonizadores Espanhóis.

ARTEFATOS DO PAGANISMO MAIA E ASTECA NOSSO OBJETO DE ESTUDO

Tanto a civilização Maia como a Asteca desenvolviam suas práticas rituais de sacrifícios humanos, utilizando-se de sua arquitetura planejada e armas ritualísticas. A construção de pirâmides que exaltassem os deuses e pontos estratégicos de sacrifício era minuciosamente criados como parte essencial para execução dos ritos. Foram descobertos inúmeros instrumentos de tortura e armas rituais em escavações de pesquisa de ambas civilizações. Temos como exemplo um conjunto de facas em pedra polida encontradas em áreas do território Maia, que

após análise de laboratório encontrou-se hemoglobina e restos de pele e carne com DNA humanos em suas pontas e lanças. Em alguns casos foram até encontrados restos de tendões e ossos em locais destinados a sacrifícios e imagens de deuses.



Com os Astecas não foi diferente, obtiveram mais vestígios ainda: armas ritualísticas, estátuas de deuses com restos de hemoglobina cristalizada humana, altares recheados com centenas de crânios e até mumificações infantis em posições sacrificiais que seria um último recurso de sacrifício Asteca, utilizado por eles em situações consideradas atípicas.



Nesta imagem, podemos notar alguns armamentos, e instrumentos ritualísticos. De baixo para cima, notaremos a temível

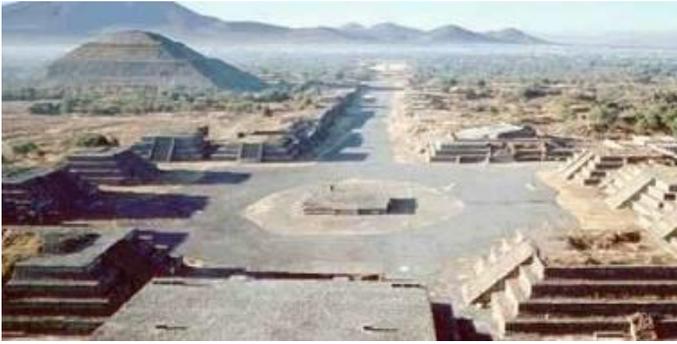
Maquahuitl conhecida também como espada obsidianas, logo acima, veremos algumas pontas de lanças ("dentadas"), e no meio dos diferentes tipos de armamentos, uma espécie de "cutelo" usado em rituais de sacrifícios humanos (para romper o osso Externo). Estas armas eram usadas para incapacitar o oponente, (com exceção do cutelo) e não, para matar instantaneamente "no confronto direto", como muitos erroneamente pensam. Após o confronto direto, o prisioneiro inerte, com possíveis tendões cortados, serviria como (apaziguador da ira divina), e seria uma possível oferenda de sacrifício humano ao deus Huitzilopochtli.



Esse é Mictlantecuhtli deus da morte. Essa imagem foi encontrada nos alicerces da Grande Pirâmides da cidade Asteca. Pedacos de carne dos sacrificados eram colocados diante deste ídolo. Para sustentar os ciclos do Sol e da Lua, e evitar catástrofes da natureza os astecas acreditavam ser preciso alimentar seus deuses com coração e sangue.



Encontra-se atualmente como uma das peças em destaque no museu de Palenque no México a escultura de Tlazolteotl, uma deusa feminina e terrestre da cultura asteca associada à imundice e ao pecado carnal. Seu nome vem de 'tlazolli', que significa 'sujeira' em nahuatl, a língua dos astecas. Ela era venerada na costa do Golfo do México no século XV, durante o reinado de Motecuhzoma I (1440-69), que ordenava muitos sacrifícios às deusas da fertilidade. O que não podemos deixar de mencionar é o principal propósito das práticas dos sacrifícios humanos: a crenças na fertilização da terra e prosperidade do povo através destes rituais.



Os Astecas construíram a pirâmide dos Ninchos de El Tajin, com 365 ninchos, um para cada dia do ano, e a célebre "pedra do sol", um imenso calendário solar, o qual regia toda prática ritualística de acordo com sua divindade e propósito.



Fonte: <http://www.not1.xpg.com.br/maias-os-senhores-do-tempo-historia-da-civilizacao/>

ANÁLISES HERMENÊUTICA DAS PICTOGRAFIAS E PINTURAS ASTECAS E MAIAS



Imagem 1



Imagem 2

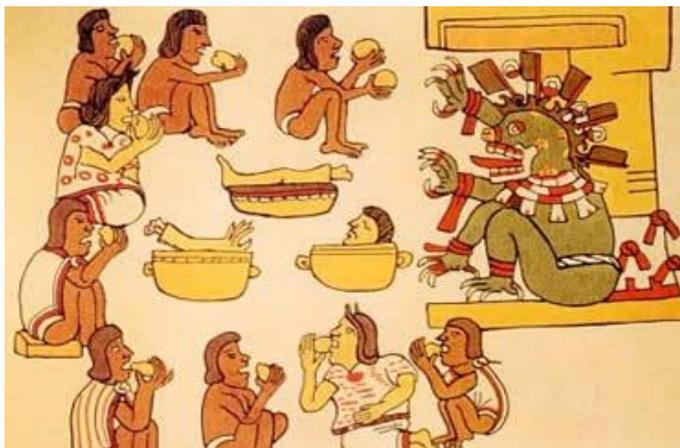


Imagem 3

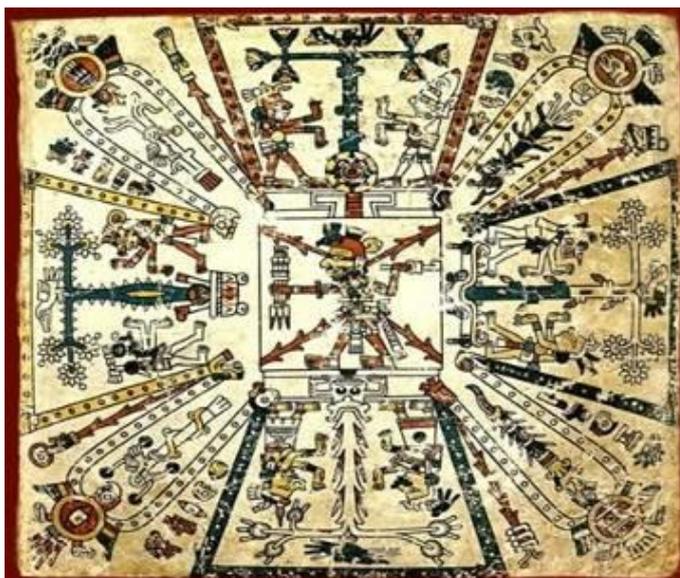


Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10

As imagens enumeradas de um a cinco, correspondem a pictografias e pinturas Astecas, encontradas em várias escavações por pesquisadores locais do México. Podemos observar minuciosamente como era marcante as práticas de sacrifícios humanos e oferenda aos deuses. Na pintura um, é observável a figura do deus sol ao centro ligado a imagem de uma caveira, que se remete à morte (sacrifício), sendo venerado por dois súditos. Na segunda imagem é explícita o sacrifício humano de maior valor para os Astecas, a retirada do coração da vítima que era ofertado aos deuses.

Já na terceira imagem, visualizamos nitidamente a antropofagia praticada por essa civilização e a oferenda de pedaços de carne humana aos deuses, lembrando que esse ato de canibalismo está vinculado ao sagrado. Na ideia de reter para si características positivas da vítima e ser abençoado pelos deuses após todo ritual sacrificial. Ressaltado que essa prática era comum a várias civilizações Pré-colombianas da época.

A quarta e quinta imagem traz representações do dia a dia da civilização Asteca tais como adoração aos deuses, indumentárias de celebrações com plumas e flores e guerreiros armados para batalha. Muito da cultura asteca é observada a partir destas pictografias, uma vez que o conhecimento era passado ao povo de forma oral ou registrado através da arte, escultura e teatralização.

As imagens de seis a dez são representações artísticas Maias, uma das suas particularidades era um gosto por talhar em pedras em tamanho natural e manipular o ouro ou prata em suas exposições. As

figuras seis e sete são máscaras produzidas em ouro, as quais podiam ser usadas em cerimônias, audiências reais ou decorações festivas. Porém o que mais gostavam de reproduzir era figura de animais, que estão ligados ao sagrado e audiências reais.

Possivelmente uma forma de auto afirmação do poderio imperial imposto pelo imperador Maia. Igualmente aos Astecas, essas imagens serviam não só à apreciação, mas ao ensinamento do povo.

Não podemos deixar de destacar a capacidade arquitetônica de construção dos Maias, que nos deixou a cidade sagrada de Machu Picchu, como exemplo de capacidade e criatividade. Um painel perfeito de paredes em rochas polidas e um sistema de escoamento pluvial envejável e inquestionável erguido em uma montanha, levando em consideração os poucos recursos e época de edificação.



IMPLICAÇÕES FINAIS

Os Astecas e Maias trazem a representação de uma característica em comum que marcam as civilizações pré-colombianas, o paganismo politeísta e a prática de sacrifícios humanos. Não podemos esquecer que essas práticas fazem parte da cultura local, onde esses atos estão conectados ao cosmos, todos ligados pela fé, espiritualidade, e

propósito de fertilização e prosperidade da comunidade.

Gostaríamos de ressaltar que essas práticas sacrificiais também estão presentes na cultura pagã de outros povos, inclusive na Europa antiga na Irlanda, Inglaterra e Escandinávia. Para o mundo antigo, sexo e morte estão relacionados no sangue que se renasce.

O fato mais interessante é realmente o de não sabermos explicar como em lugares tão distintos culturalmente e geograficamente, o sacrifício humano reproduz o mesmo propósito de crença.

5

A ARTE MURAL NAS CATACUMBAS CRISTÃS

Prof.^a Dr.^a Wilma Steagall de Tommaso ³⁵

SELEÇÃO DA RELIGIÃO

A religião em destaque, na qual a arte funerária das catacumbas romanas foi cientificamente estudada a partir de século XIX, é o cristianismo. Religião com origens judaicas cuja fé está centrada em Jesus Cristo, o Verbo Encarnado.

Quando o movimento cristão chegou a Roma, capital do império Romano, trouxe consigo sua cultura e suas tradições.

Catacumba é uma palavra de origem grega que significa *próximo às cavidades*, caracterizando a natureza particular de terrenos adaptados para vastos cemitérios subterrâneos³⁶.

Os cemitérios propriamente cristãos apareceram somente ao final do século II e foram, em um primeiro momento, pequenas criptas subterrâneas que comportavam algumas dezenas de sepulturas. Essa nova forma de enterrar os mortos tocou também os pagãos, por várias razões práticas.

ALGUMAS INFORMAÇÕES DA CULTURA

O movimento cristão entrou, há dois milênios, em um mundo

³⁵ Professora do Curso de Ciências da Religião pela PUC/SP

³⁶ Durante os dois primeiros séculos da nossa era, os cristãos eram enterrados de maneira anônima no interior das necrópoles pagãs fora dos muros de Roma, como foi o caso, por exemplo, dos apóstolos Pedro e de Paulo.

onde havia muitas religiões, um universo diversificado em termos sociais e culturais. Eram muitas línguas, práticas religiosas, costumes diversos, uma infinidade de divergências culturais. Nasceu como seita também em um contexto no qual Israel estava inserido no mundo dominado militarmente pelos romanos, porém, cultural e religiosamente, dominado pelos gregos.

Esse povo diversificado, ao ouvir a mensagem dos apóstolos, não era uma página em branco, mas já trazia sua tradição e levava consigo suas ideias sobre a vida e a salvação quando aderiu à nova doutrina, o cristianismo.

Os cristãos primitivos assimilaram as práticas religiosas das culturas helenística e romana e com elas interagiram, porém, a maior herança veio da religião de Israel, cujo povo adorava ao Deus único e onde a interdição das imagens era ponto fora de discussão.

A perseguição ordenada pelo imperador Nero no ano 64 conduziu ao martírio uma grande quantidade de cristãos. Os cristãos eram qualificados como ateus – negavam-se a prestar culto ao imperador –, perigosos para a unidade do império e inimigos do gênero humano; a eles se atribuíam as piores atrocidades: infanticídios, antropofagia e desordens morais de todo o tipo.

Com o Edito de Milão, promulgado pelos imperadores Constantino e Licínio em fevereiro de 313, os cristãos não foram mais perseguidos, alcançou-se a paz, podiam professar livremente a fé.

É certo que estas perseguições não tiveram sempre a mesma intensidade e que, excetuando alguns períodos concretos, os cristãos seguiam suas vidas com normalidade; mas o risco de serem martirizados estava sempre presente.

O martírio era considerado entre os fiéis um privilégio e uma graça de Deus: uma possibilidade de se identificar plenamente com Cristo no momento da morte. As relíquias dos mártires eram recolhidas e sepultadas com devoção e, a partir desse momento, recorria-se a eles como intercessores.

Desde sempre a lei romana estabelecia que as necrópoles – cidades dos mortos, em grego – deviam se situar fora das muralhas da cidade. Os romanos costumavam incinerar os corpos dos defuntos, mas também havia famílias que tinham o costume de enterrar os entes queridos em campos da sua propriedade, costume que se foi impondo posteriormente por influência do cristianismo.

Com a passagem do rito de incineração para o enterro, aproximadamente no curso do século II, e enquanto os caminhos das vias consulares fora dos muros da cidade apresentavam um número limitado de espaços disponíveis, as necessidades da comunidade urbana de novos lugares para o sepultamento aumentaram consideravelmente. Nos mausoléus, onde isso era ainda possível, constatou-se que um sepultamento ocupava o lugar que corresponderia antes a muitas urnas de corpos incinerados (PERGOLA, 2000, p.449).

A princípio não havia segregação, e enterravam-se juntos os fiéis e os pagãos. A partir do século II, graças aos donativos de alguns cristãos de boa posição social, a Igreja começou a ter as suas necrópoles próprias, a que chamou cemitérios – *coimeteria*, do grego *koimáo*, dormir –, lugares onde os corpos repousam na espera da ressurreição. Assim foram surgindo as catacumbas cristãs, que não eram – como às vezes se pensa – esconderijos ou lugares de reunião para as celebrações litúrgicas, mas lugares de sepultura onde se guardavam os restos mortais dos irmãos na fé.

Originariamente, o termo catacumba fazia referência à zona da via Ápia que se situa entre o túmulo de Cecília Metella e a cidade de Roma. Com o tempo, passou de toponímico para designar em geral o cemitério cristão sob a terra. Nos primeiros séculos foram enterrados nelas muitos mártires e, junto com os túmulos de São Pedro e de São Paulo, as catacumbas passaram a ser lugares de memória e de veneração muito queridos para os cristãos de Roma. Movidos pela devoção, era normal que os fiéis quisessem ser sepultados e esperar a ressurreição na companhia dos outros membros da comunidade cristã e, se fosse

possível, próximo de algum apóstolo ou de algum mártir.

Em todo o mundo cristão antigo desenvolveu-se o costume de criar cemitérios para que se pudesse oferecer a todos os cristãos, ao menos uma sepultura digna. Entre as obrigações sociais da comunidade estava a de providenciar o sepultamento dos pobres que não tinham como arcar com nenhuma despesa.

Segundo Claudio Pastro, “era costume entre os pagãos o uso de cremar os cadáveres; os judeus usavam sepulturas, e os cristãos seguiram esse costume” (PASTRO, 2010, p.146). Eles abriam, nos campos mais afastados de Roma, longas vias que chegavam a ter cinco andares de galerias sobrepostas e eram muito vastas. De acordo com Marina Copsidas, “contrário à ideia comumente conhecida, as catacumbas não eram lugares de reuniões secretas dos primeiros cristãos, mas necrópoles perfeitamente conhecidas pelas autoridades, onde nos primeiros tempos eram enterrados pagãos, depois os cristãos” (COPSIDAS, 2009, p.60).

INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS

O cristianismo nasceu no Oriente, na região da Palestina, porém é no Ocidente do Império Romano – onde foi aceito após três séculos de existência – que acontece seu maior desenvolvimento. Roma é o centro da vida cultural e atrai todos os movimentos espirituais que se desenvolviam no século I. Surgia, assim, a Igreja cristã no auge do Império romano em um mundo cosmopolita e uma miríade de pessoas da Europa, África do Norte e Oriente Médio.



Fig.1:Mapa do Império Romano

No entanto, catacumbas foram encontradas não só em Roma, mas também em Chiusi, Bolsena, Nápoles, na Sicília Oriental e no Norte da África. Em Roma existem mais de sessenta catacumbas, com galerias subterrâneas parecendo verdadeiros labirintos e podem atingir no conjunto muitos quilômetros.

Também existiam em Roma naquela época cemitérios ao aberto, mas os cristãos, a exemplo do Cristo, preferiam a inumação dos corpos, o que criou um problema de espaço que influiu fortemente no desenvolvimento das catacumbas.

Em conformidade com a lei romana que proibia a sepultura dos defuntos no recinto interno às muralhas da cidade, todas as catacumbas estão situadas ao longo das grandes estradas consulares e, geralmente, na imediata área suburbana daquele tempo.

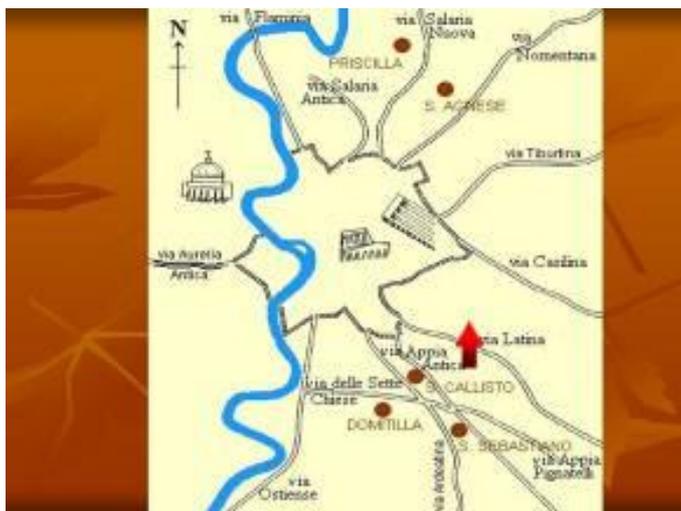


Fig.2 "Complexo Calistiano", encerrado entre a Via Ápia e o beco das Sette Chiese uma área vasta com mais de 30 hectares de terreno dos quais uns quinze são catacumbas.

Percorrendo a Via Ápia (*Via Appia Antica*) encontram-se, a menos de um quilômetro da Porta de São Sebastião, a pequena igreja do *Quo Vadis?*, em seguida as catacumbas de Pretestato e de São Sebastião e, mais além, o mausoléu de Cecília Metella. Ao centro dessa área arqueológica, encerrado entre as vias Ápia, Ardeatina e o beco das Sette Chiese estende-se o "Complexo Calistiano", uma vasta área de mais ou menos "30 hectares" de terreno, dos quais uns quinze são catacumbas.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO PERTINENTES À COMPREENSÃO DA ARTE FUNERARIA

A princípio o cristianismo era apenas mais uma religião oriental que chega a Roma. No entanto, apresentava uma originalidade fundamental que chamava a atenção dos mestres de escolas filosóficas.³⁷

³⁷ No judaísmo como no cristianismo o papel dado à importância das leituras bíblicas, ou seja, das Escrituras judaicas que os cristãos liam à luz do acontecimento Jesus Cristo e que até o século I eram seus livros sagrados, dava uma dimensão intelectual que poderia ser modesta, mas ao mesmo tempo sustentava uma verdadeira

Outro fato facilitador foi a língua dessa comunidade ser o grego, a mesma dos filósofos.

A arte religiosa não tinha muita importância na Igreja primitiva. Era constituída de pequenas comunidades de fiéis, na sua maioria pobres que não possuíam recursos para grandes edifícios e muito menos podiam pagar os artistas, que eram bem remunerados pelos pagãos. Esses artistas, de qualquer maneira, precisariam romper com o mundo pagão para se engajar no movimento cristão, o que significaria a perda de seu meio de subsistência. A concepção de imagem pagã e sua função eram muito diferentes do espírito do cristianismo para ser a expressão da fé. Isso é o que normalmente é descrito em se tratando do cristianismo primitivo, anterior a Constantino. O historiador André Grabar questiona: “em que meio social acontecia a arte que estudamos? Que podemos saber dos artistas e daqueles que encomendavam as obras de arte?”³⁸ Segundo o autor, em Roma as comunidades cristãs contavam com protetores e, sobretudo, protetoras entre os cidadãos, opulentos e poderosos.

Para a comunidade cristã a sepultura para os pobres e a filantropia com os estrangeiros eram características que os destacavam dos demais. Ambas conjugavam-se com frequência, pois muitas vezes estrangeiros, sem parentes, distantes da família e de seus países, não tinham ninguém que se encarregasse de seus funerais.

O desenvolvimento da arte propriamente cristã, durante os primeiros séculos do cristianismo, aconteceu de maneira muito lenta. As paredes das catacumbas foram marcadas por grafites, esboços, signos e símbolos pelos iniciados. Muitos símbolos pagãos ganharam uma nova significação. O jardim, a palmeira e o pavão designam o paraíso terrestre; o navio, símbolo da prosperidade e de uma feliz travessia, torna-se a Igreja; e assim como o tema erótico de Eros e Psique passa a significar a sede da alma e o amor de Deus em Jesus Cristo, Hermes, símbolo da

elaboração teológica.

³⁸ André GRABAR, *Le premier art chrétien*, p. 9-10.

humanidade, representa o Bom Pastor. Há também muitas cenas do Antigo Testamento: Daniel no fosso dos leões, os três jovens na fornalha, Adão e Eva. Só no fim do século II apareceram os símbolos propriamente cristãos: a multiplicação dos pães – que expressa o banquete eucarístico; a adoração dos reis Magos – a entrada dos pagãos na Aliança; a ressurreição de Lázaro; e, enfim, símbolos compreensíveis apenas por poucos, como a vinha e, sobretudo, o peixe, *ichthus*, que se refere ao Cristo – Jesus Cristo Filho de Deus Salvador. Esses signos são encontrados, sem mudança de estilo e de tema, na Espanha, na Ásia Menor, da África até o Reno. As pinturas são sumárias: alguns traços em uma estrita gama de cores. Não são imagens cultuais. A Igreja não impõe um programa. Elas são lembranças dos momentos do Cristo ou da Virgem, são seus retratos.³⁹ Como diz Evdokimov:

Encontra-se nas catacumbas uma arte puramente significativa. Seu fim é didático: proclama a salvação e traça seus instrumentos por meio de signos decifráveis. Podem ser classificados em três grupos: 1) tudo o que se refere a água: a arca de Noé, Jonas, o peixe, a âncora; 2) tudo o que se relaciona com o pão e o vinho: a multiplicação dos pães, o trigo, a vinha; 3) tudo o que diz respeito a salvação e dos que foram salvos: os três jovens na fornalha, Daniel entre os leões (fig. 15), o pássaro fênix, Lázaro ressuscitado (fig. 6), o Bom Pastor (fig. 5).[...] Observa-se maior negligência na forma artística e ausência de um desenvolvimento teológico. O Bom Pastor não representa o Cristo histórico, mas quer dizer: o Salvador salva realmente.⁴⁰

Não são artistas os que participam dessa produção inicial de pinturas que ainda não pode ser considerada arte. Os artistas, com efeito, trabalham na elaboração de imagens do mundo pagão, diante das quais os mártires cristãos são condenados.

³⁹ Cf. Alain BESANÇON, *L'image interdite: une histoire intellectuelle de l'iconoclasme*, p.206-207.

⁴⁰ Paul EVDOKIMOV, *L'art de l'icône: théologie de la beauté*, p.149.

PRINCIPAL ARTE NA CATACUMBA ESCOLHIDA PARA ANÁLISE

Na arte mais antiga das catacumbas tudo se refere à imortalidade da alma. Uma das figuras muito frequentes é aquela de uma jovem em pé com os dois braços abertos, antigo gesto que significava que ela estava em oração. Essa “orante” (fig.3), como era chamada, é a imagem da alma liberta do corpo e resplandecente da felicidade celeste.

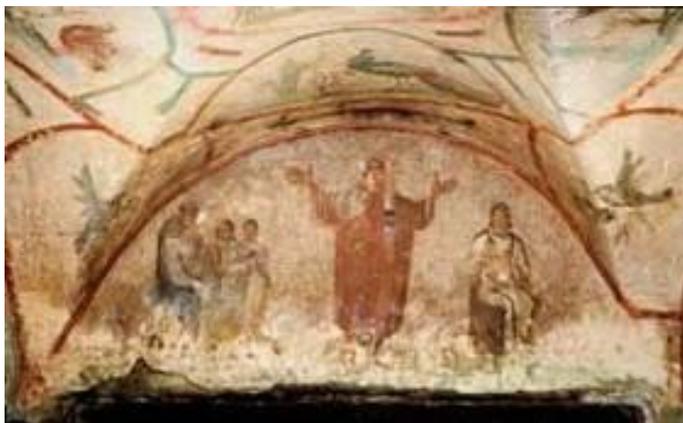


Fig.3: Orante. Catacumbas de Priscila⁴¹, Cubículo de Velatio. Roma, Século III.

A exploração e o estudo científico das catacumbas tiveram início, no século XVI com Antônio Bosio (1575-1629), chamado o Colombo da Roma subterrânea.

No século XIX, a exploração sistemática das catacumbas, particularmente as de São Calisto⁴², foi realizada séculos depois por

⁴¹ Catacumbas Priscila estão situadas na Via Salaria, 430. Elas se desenvolveram em dois pavimentos e sem dúvida seu nome Priscila provavelmente é devido à esposa do cônsul Acilius, que foi executado por ordens de Domiciano por ter se convertido ao cristianismo. Sua origem é diferente das outras catacumbas, pois esse lugar era uma antiga pedreira abandonada e começou a ser utilizada para sepultamentos dos cristãos a partir do final do século II. Na cena da vida de uma defunta (fig. 3) dita Donna velata, com os braços para o alto em sinal de oração. Aos seus pés há a assinatura de Antônio Bosio (1575-1629), a quem se deve a descoberta e a primeira divulgação científicas das catacumbas romanas.

⁴² Catacumbas de São Calisto: localizadas na Via Apia, 102, constituem segundo

Giovanni Battista de Rossi (1822-1894), considerado o pai fundador da arqueologia cristã. Em 1854, Rossi descobriu a cripta dos papas do século III, definida como “o pequeno Vaticano, o monumento central de todas as necrópoles cristãs” em 1854.

A Arqueologia cristã busca conhecer as manifestações plásticas da fé primitiva e assim contribuir a alcançar uma ideia, a mais precisa possível, sobre o modo de vida e das vicissitudes da história das comunidades cristãs em seus primeiros passos, a partir da época dos apóstolos.

A Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra foi instituída por Pio IX (1846-1878) "para guardar os cemitérios sacros antigos", assim como para a conservação, por sugestão de Giovanni Battista de Rossi, com vista a uma melhor organização dos achados no grande complexo de catacumbas da Via Ápia.

Os seus especialistas estabeleceram as bases científicas da arqueologia cristã, estudando e escavando as catacumbas romanas segundo um moderno método topográfico, que considera simultaneamente as fontes históricas e os monumentos.

Em 1925, a Comissão foi declarada Pontifícia por Pio XI. Os Acordos de Latrão (1929) ampliaram as suas competências e o seu âmbito de ação a todas as catacumbas existentes em território italiano.

A Comissão publica os resultados das suas investigações, estabelece as normas para o acesso do público e dos estudiosos aos cemitérios sacros e indica as criptas que podem ser utilizadas para a liturgia e os cuidados a ter aquando das celebrações⁴³.

Estudos comprovaram que a arte funerária paleocristã foi de inspiração popular e, pode-se dizer, leiga. Mesmo nos cemitérios cristãos patrocinados pela Igreja, não há certeza de que as autoridades

fontes, o mais antigo cemitério oficial da comunidade cristã de Roma. Seu nome foi dado em homenagem ao diácono Calisto que foi encarregado da administração do cemitério pelo papa Zeferino 199-217, Calisto tornou-se o próximo papa 217-222.

⁴³ <www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-renova-interesse-pela-arqueologia-sacra/>, acessado em 15 de agosto de 2014.

eclesiásticas tivessem o controle da escolha dos temas das ornamentações como aconteceu tempos depois nas igrejas (Cf. Gérard-Henry BAUDRY. *Les symboles du christianisme ancien I-VII siècle*. p. 11-12).

As pinturas das catacumbas mostram uma unidade de estilo e de temas: foram encontrados os mesmos símbolos na Ásia Menor, na Espanha, na África do Norte e na Itália, sem que a Igreja tenha dado uma indicação de um programa oficial. A fé manteve-se única, graças ao contato entre as igrejas locais.

ABORDAGEM HERMENEUTICA-SEMIOTICISTA DA ARTE NA CATACUMBA ESCOLHIDA PARA ANÁLISE

A gravura da “Orante” é, também, muitas vezes, associada à outra imagem muito atraente que é a do jovem pastor com uma túnica curta, pernas à mostra, levando sobre os ombros uma ovelha. É o Cristo, ele mesmo, sob o aspecto do Bom Pastor da parábola, acolhendo a alma na campina celeste. Êmile Mâle afirma que:

Para essas primeiras gerações de cristãos a felicidade do paraíso era um doce idílio e o paraíso, ele mesmo, tal como se vê pintado na catacumba São Calisto, um jardim onde floresciam rosas, murmuravam fontes, onde cantavam os pássaros.[...] A arte revela aqui o que não está escrito em lugar nenhum: a pureza, a inocência, a doçura inefável, da imaginação cristã na trágica época das perseguições. Nenhum sinal de angústia nesses dias de fogo e de sangue, nada que fizesse lembrar a morte sempre ameaçadora, mas para onde se olha há inalterabilidade, serenidade, uma inquebrantável confiança nas promessas divinas. Ao lado da prece pelos mortos e das alegrias do paraíso, algumas cenas nos deixam antever a vida da Igreja⁴⁴.

As primeiras imagens cristãs que se tem conhecimento apareceram nas catacumbas, essa arte funerária se revestia de alegria, pois, se

⁴⁴ Paul EVDOKIMOV, *L'art de l'icône: théologie de la beauté*, p.25.

a morte é inexorável, para os cristãos havia a certeza da ressurreição.

As pinturas das catacumbas desde os primeiros dois séculos tinham como tema não somente alegorias e símbolos tais como a âncora, o peixe, (fig. 4) o cordeiro etc., mas toda uma série de imagens que vieram do Antigo e do Novo Testamento. Essas pinturas correspondem aos textos sagrados, bíblicos, litúrgicos, patrísticos. O princípio fundamental dessa arte é de exprimir por pinturas a doutrina da Igreja, representando os acontecimentos concretos da História santa e indicando também o seu sentido. Essa arte não tem por fim refletir os problemas da vida, mas sim de respondê-los, e desde a sua aparição.⁴⁵



Fig.4: Pão e peixe milagre da multiplicação. Catacumba de São Calisto – Roma.

Nas casas ou nas catacumbas, os cristãos adotaram símbolos pagãos e lhes deram um significado mais profundo: o barco, símbolo da prosperidade e de uma travessia feliz pela vida, tornou-se o símbolo da Igreja; a entrada do navio em um porto não significa mais a morte, mas a paz eterna; os símbolos eróticos (Eros e Psique) tornaram-se a sede da alma pelo amor de Deus. Esses símbolos são o reflexo do ensinamento das verdades da fé. Por eles, os fiéis são conduzidos para um

⁴⁵ Léonide OUSPENSKY; Vladimir LOSSY, *Le sens des ícones*, p. 25.

conhecimento mais profundo do cristianismo⁴⁶.

A imagem-mãe do Bom Pastor, inspirada no mito de Orfeu, foi associada ao salmo 23 (22), “Iahweh é meu pastor, nada me falta”; à imagem salvífica do pastor que reconduz as ovelhas ao aprisco; ao pastor que socorre as ovelhas e ao pastor que protege as ovelhas contra o lobo devorador⁴⁷.



Fig.5: O Bom Pastor, pintura mural, início do século III, Catacumba de São Calisto, Roma.

Houve também símbolos que foram inspirados no Antigo Testamento e outros novos foram criados desde o século II que são símbolos tipicamente cristãos: a multiplicação dos pães, representando o Banquete Eucarístico; a adoração dos magos, símbolo da admissão dos

⁴⁶ Cf. Alain BESANÇON, *L’image interdite: une histoire intellectuelle de l’iconoclasme*, p. 206-207.

⁴⁷ Cf. A. TREVISAN, *O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*, p. 30-31.

pagãos à fé cristã; a ressurreição de Lázaro (fig. 6) e, sobretudo, os símbolos secretos, incompreensíveis aos pagãos, como a vinha, mistério da vida em Deus nos batizados, e o peixe, *ichthus*, acrônimo de Cristo – Jesus Cristo Filho de Deus Salvador⁴⁸.



Fig.6: Ressurreição de Lázaro e o Bom Pastor. Catacumba da Via Anapo⁴⁹, século III.

Essa arte vale pelo vislumbre da beleza grega que ainda a ilumina, mas, sobretudo, pelo entendimento tão novo que ela expressa. É importante não confundir essa arte da época das perseguições com aquela que irá acontecer após a paz da Igreja. Os artistas das catacumbas tinham o coração cristão, mas a imaginação pagã, escreve Êmile Mâle. Os defuntos que até aqui pareciam querer se perder na grande igualdade da morte, tiveram muitas vezes seus retratos em seus túmulos. As confrarias de marchands ou de artesões foram representadas exercendo seu trabalho ou seus negócios, transportando tonéis ou distribuindo trigo. Os fóssores que cavavam o lóculo (fig.7) e que viviam

⁴⁸ Cf. Alain BESANÇON, *L'image interdite: une histoire intellectuelle de l'iconoclasme*, p. 206-207.

⁴⁹ Um dos cemitérios que se encontram na Via Salaria é o cemitério Anônimo da Via Anapo. Rossi achava que pertencia aos Giordani, o mais ilustre depois de Priscila. Recentes descobertas mostram que se trata de um cemitério privado. O acesso de origem foi descoberto por acaso em 1921 por Enrico Josi On. Lá se encontram cinco cubículos decorados com afrescos representando episódios do Antigo e do Novo Testamentos.

na noite próximos ao mausoléu mereciam também ser honrados.⁵⁰ Os lóculos eram cavados em geral nas superfícies laterais.



Fig.7: Galeria com os lóculos. Catacumba Santa Prisca, Roma.

Claudio Pastro esclarece o que são os fóssores em *A arte no cristianismo*:

[...] artistas coveiros que trabalharam nas catacumbas, faziam parte de uma grande corporação helênica, juntamente com os *pictores*, *musivarii* e os *quadratarii*. Essa classe pertencia à classe dos *servis* ou libertos e foi onde mais o cristianismo penetrou. A princípio, por serem de origem pagã, retratavam o Cristo Hermes (Cristo Sol), o Cristo Mestre, figuras imberbes e jovens, pois os romanos não tinham recebido a influência da arte original do Oriente (Cristo barbudo, por exemplo). Os fóssores viveram intensamente nas catacumbas romanas do século I ao IV, quando já faziam parte dos “mistérios sagrados”, logo abaixo dos diaconos e acima dos *ostiararii*, ou clérigos menores. Esse ministério permaneceu durante todo o primeiro Milênio da Igreja e existe até hoje na Igreja Oriental⁵¹.

⁵⁰ Cf. Emile MÂLE, *L'art chrétien primitif; l'art byzantine*, in: *Histoire Générale de l'art* 1, p. 258.

⁵¹ Claudio PASTRO. *A arte no cristianismo: fundamentos-linguagem-espço*. São

Além dos lóculos encontram-se nas catacumbas os cubículos – o mesmo que câmaras – eram pequenas salas com capacidade para vários lóculos, verdadeiros mausoléus de família que eram decorados com afrescos de cenas bíblicas. Ha também arcossólios (fig. 8), do latim *arcus* e *solium*, termo arquitetônico para uma tumba de forma abobadada, um nicho bastante grande que servia em geral como sepultura para uma família, bispos ou mártires, mas também como capela funerária. Foi sepultura típica dos séculos III e IV séculos.



Fig.8:Arcossólio da cripta de Tellus na Via Dino Campagni, Roma.

As pinturas das catacumbas mostram uma unidade de estilo e de temas: foram encontrados os mesmos símbolos na Ásia Menor, na Espanha, na África do Norte e na Itália, sem que a Igreja tenha dado uma indicação de um programa oficial. A fé manteve-se única, graças

ao contato entre as igrejas locais. De acordo com Ouspensky:

A arte das catacumbas era, sobretudo, uma arte que visava o ensino da fé. Grande parte desses temas, tanto os simbólicos como os diretos, correspondem a textos sagrados do Antigo e Novo Testamento, textos litúrgicos e textos patrísticos. Paralelamente às representações diretas e muito numerosas, a linguagem simbólica se estendeu e desempenhou um papel fundamental na Igreja dos primeiros séculos. Essa linguagem simbólica a princípio é explicada pela necessidade de expressar pela arte uma realidade que não poderia ser expressa diretamente. Por outro lado, não revelar aos catecúmenos, até um certo momento, os sacramentos cristãos essenciais era uma regra estabelecida pelos Pais da Igreja e fundamentada sobre as Escrituras sagradas. Assim o sentido dos símbolos cristãos foi revelado aos catecúmenos progressivamente na preparação de seu batismo. Por outro lado, as relações entre os cristãos e o mundo exterior exigiam uma linguagem cifrada.⁵²

Não havia interesse dos cristãos em divulgar ao mundo pagão e hostil os mistérios sagrados. Os primeiros cristãos empregaram antes os símbolos bíblicos: o cordeiro, a arca etc. Mas aos pagãos que entravam na Igreja, esses símbolos não bastavam, pois lhes eram incompreensíveis. Então a Igreja adotou certos símbolos pagãos para reaproximá-los da “verdade” e transmitir diversos aspectos do ensinamento cristão. Esses símbolos foram direcionados, purificados e reencontraram seu significado, antes adulterados por uma longa degeneração, e serviram para exprimir a salvação consumada na encarnação.⁵³

No caso específico da arte funerária, é preciso situá-la no âmbito da legislação romana sobre os cemitérios que sempre se encontravam fora das aglomerações. O estatuto legal era bem liberal; todos, sem exceção, escravos ou aqueles que sofriam suplício, tinham o direito a uma sepultura. Os cristãos podiam enterrar seus mártires. Os cemitérios pertenciam às famílias ou às associações que os regiam como lhes fosse

⁵² Léonide OUSPENSKY, *La théologie de l'icône dans l'Église Orthodoxe*, p. 43.

⁵³ *Ibid.* p. 43.

conveniente. Havia os de superfície e os subterrâneos e é evidente que a ornamentação das necrópoles subterrâneas, as catacumbas, são as mais bem conservadas. Dado à característica privada dos cemitérios, sua organização e sua decoração dependiam das iniciativas particulares: familiares ou de associações funerárias que recorriam a profissionais.

Os antigos cristãos não usavam o termo catacumba. Os romanos davam esse nome a uma localidade da Via Ápia, onde existiam cavas para a extração de blocos de tufo, o terreno de Roma facilitava muito a escavação, por estar formado por estratos irregulares de tufo e argila. Perto dali foram escavadas as catacumbas de São Sebastião. No século IX o termo foi estendido a todos os cemitérios com o significado de cemitério subterrâneo.

Até Constantino, no século IV, as pinturas cristãs apresentavam as mesmas características: alguns traços em uma gama restrita de cores e algumas luzes que exprimiam o essencial. É uma busca consciente do mundo espiritual que faz com que se afaste de todo naturalismo. No entanto, há um fato capital: as imagens das catacumbas não são imagens de culto, elas permanecem na esfera do símbolo. A Igreja não havia elaborado ainda a dimensão do mistério da Encarnação, o que aconteceu após os primeiros concílios. É o mistério da Encarnação – Deus que se fez Homem – que oferece o fundamento para a veneração dos ícones. Aos olhos dos ortodoxos, por exemplo, a veneração dos ícones está fundada sobre a certeza da Encarnação de Deus no homem Jesus de Nazaré. Na medida em que Deus se revela através do humano, é possível representá-Lo visivelmente.

Assim, a vitória de Constantino sobre Maxêncio na Ponte Milvia e, em 313, o Edito de Milão, foram para um povo perseguido durante três séculos o triunfo do cristianismo sobre o Império romano. O cristianismo triunfou e a arte saiu das catacumbas e pôde se expandir com magnitude nas igrejas. Foram construídos grandes edifícios em Roma sob a ordem imperial, dentre os quais se podem destacar: a igreja São

João de Latrão – a mãe de todas as igrejas – e a basílica de São Pedro, construída sob o túmulo do apóstolo. Infelizmente essas obras não subsistiram ao tempo: a basílica de São João de Latrão foi restaurada inúmeras vezes e o projeto original ficou irreconhecível; a de São Pedro, Bramante e Michelangelo, fora o sepulcro de Pedro, não deixaram nada do monumento primitivo⁵⁴.

Posterior a Constantino, o imperador romano Teodósio I, o Grande (379-395), decretou o Edito de Tessalônica, também conhecido como *De Fide Catholica*, em 17 de fevereiro de 380, pelo qual estabeleceu o cristianismo como religião do Estado e exclusiva do Império romano, abolindo as práticas pagãs e fechando seus templos. Os cristãos saíram da situação de insegurança e marginalidade de onde estavam isolados e inquietos pelos episódios de perseguições que durou até a morte de Diocleciano em 305. Foi a eles cedida a liberdade para celebrarem seus cultos. Desta forma,

A arte funerária transformou-se no culto aos mártires que vai dar impulso ao culto das relíquias no pontificado de Damasio (366-384). Das catacumbas e das casas-igrejas os cristãos passam para basílicas para onde chamam as grandes imagens para a abside ou pelo menos se oferecem a elas.⁵⁵

Após a paz da Igreja, o prestígio dessas criptas, onde repousavam muitos mártires, foi imenso. Multidão de peregrinos ia prestar-lhes homenagem e deixava inscrito no estuque testemunhos de sua passagem e de seu fervor cristão. Com as guerras e as invasões, as catacumbas foram aos poucos sendo abandonadas e os restos mortais dos mártires, também foram retirados. Os campos romanos se tornaram um deserto e as catacumbas foram esquecidas.

⁵⁴ Cf. Émile MÂLE, *L'art chrétien primitif; l'art byzantine*, in: ____ (org.), *Histoire Générale de l'art*, p. 261.

⁵⁵ François BOESPFLUG, *Dieu et ses images: une histoire de l'Éternel dans l'art*, p. 77.

IMPLICAÇÕES FINAIS

Com o auxílio desta arte, os primeiros cristãos se esforçaram para transmitir não apenas o que é visível aos olhos, mas o que é invisível, ou seja, o conteúdo espiritual do representado. A igreja primitiva se serviu igualmente de símbolos pagãos e também de alguns da mitologia greco-romana. A fim de melhor fazer conhecer seu ensinamento àqueles que se convertiam do paganismo, a Igreja utilizava certos mitos antigos que de alguma maneira serviam de paralelo ao cristianismo. Paul Evdokimov elucida a visão ortodoxa da origem pagã da arte cristã:

Tudo converge para um único apelo: de que não há vida eterna fora do Cristo e de seus sacramentos. Tudo se reduz a um único sinal e tudo é alegria, pois a ressurreição dos mortos se inscreve nos sarcófagos (comedores de carne). A ausência de toda arte marca aqui o momento decisivo do próprio destino dessa arte: seu ponto alto, ainda próximo, a alta criação da Antiguidade é inútil para o momento; passa por sua própria morte e emerge das águas do batismo, que significam e consignam os grafites das catacumbas, para sair das fontes batismais à aurora do século IV sob a forma – jamais vista anteriormente – do *ícone*. É a arte ressuscitada em Cristo: nem signo, nem quadro, mas ícone: símbolo da presença e seu lugar fulgurante, visão litúrgica do mistério feito imagem.⁵⁶

Algumas imagens referentes ao Antigo Testamento encontradas nas catacumbas:

⁵⁶ Paul EVDOKIMOV, *L'art de l'icône: théologie de la beauté*, p. 150.



Fig.9: Oferendas de Caim e Abel. Catacumba da Via Latina⁵⁷, Roma.

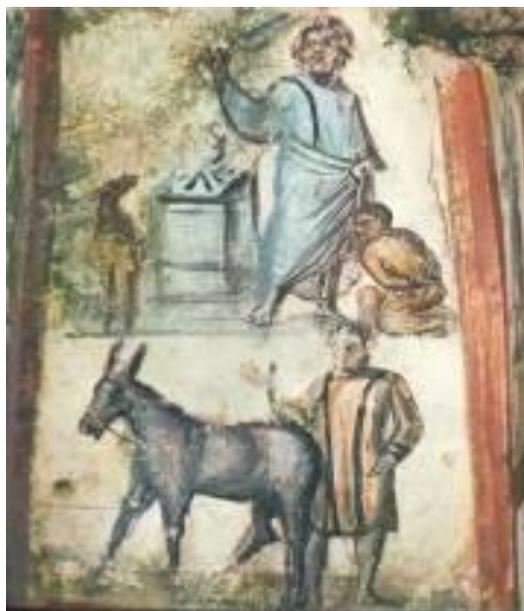


Fig.10: O sacrifício de Isaac. Catacumba da Via Latina, Roma.

⁵⁷ As catacumbas da Via Latina foram descobertas em 1955, por acaso, durante a construção de dois edifícios na via Dino Campagni. As escavações foram conduzidas por Antonio Ferrea.



Fig.11: O sonho de Jacó. Catacumba da Via Latina, Roma.



Fig.12: Abraão recebe os três anjos. Catacumba da Via Latina, Roma.



Fig.13: A chegada de Jacó e seus filhos ao Egito. Catacumba da Via Latina, Roma.



Fig.14: A travessia do Mar Vermelho. Catacumba da Via Latina, Roma.

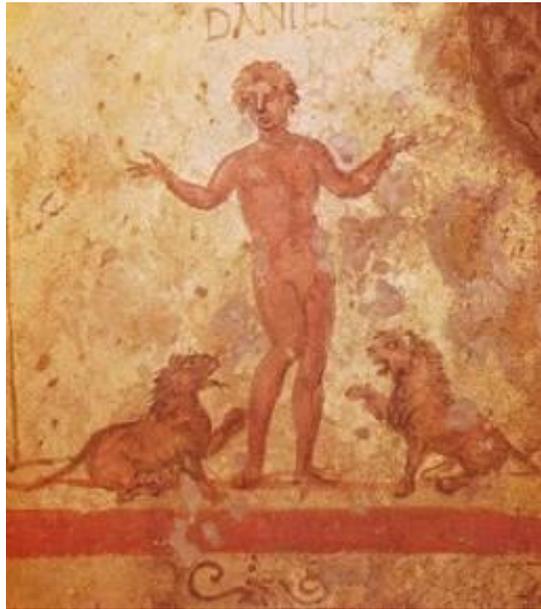


Fig.15: Daniel no poço com os leões. Catacumba de São Calisto, Roma.

Algumas imagens referentes o Novo Testamento encontradas nas catacumbas:

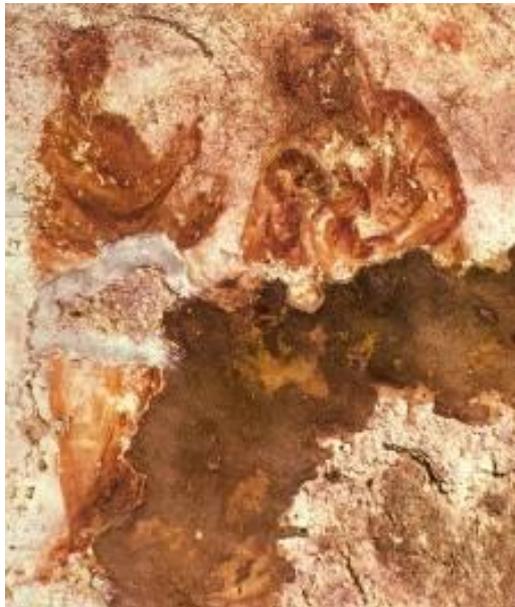


Fig. 16: A imagem mais antiga da Virgem Maria amamentando o Menino Jesus, Catacumba de Priscila, catacumba de Priscila, Roma, século II.

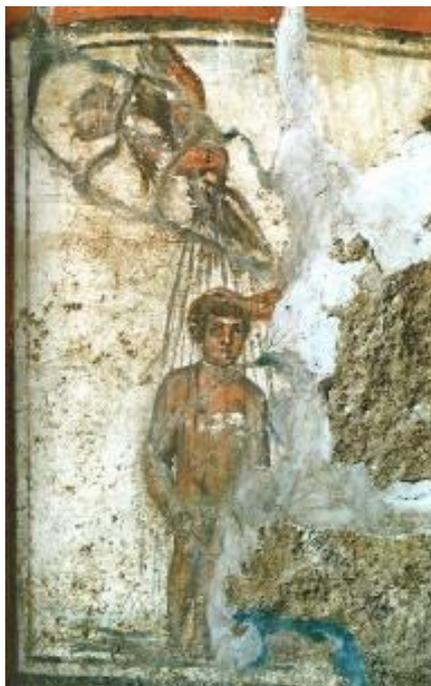


Fig. 17: Batismo do Senhor. Catacumba de São Marcelino e São Pedro⁵⁸

⁵⁸ As catacumbas dos santos, Marcelino e Pedro, mártires da perseguição de Diocleciano, estão situadas na Via Casilina, 641. Era uma vasta propriedade do imperador que se estendia entre a Porta Maggiore, a via Labicana, a via Prenestina e Centocelle. Foi o lugar onde se ergueu o mausoléu de Santa Helena, mãe do imperador Constantino I, cujas ruínas subsistem ainda. Foi Antonio Bosio em 1594 que fez a primeira descrição metódica. As escavações foram realizadas entre 1896 e 1898 por Henry J. Stevenson; em 1940 e 1954-58 por Friedrich W. Deichmann e, em 1975 pela Escola Francesa de Roma, o que permitiu de se ter hoje uma ideia bastante precisa de seu aspecto primitivo. MANCINELLI, Fabrizio. Guide des catacombes de Rome. Florence: Scala Group, 2012.



Fig.18: Cristo filósofo entre os discípulos. Pintura mural (330-340). Catacumba de Domitila⁵⁹, Roma.



Fig.19: Jesus Mestre entre os apóstolos. Catacumba de Santa Domitila, Roma.

⁵⁹ As catacumbas de Domitila são um dos mais vastos cemitérios subterrâneos de Roma e foram constituídos originalmente para serem as necrópoles nos terrenos que Flavia Domitila - que pertencia à família imperial e era sobrinha de Flavius Clemente, cônsul no ano 95 - deu aos seus escravos libertos.



Fig.20: Cubículo da Catacumba Domitila, Orfeu e os animais.



Fig.21: Cristo Orfeu e os animais. Detalhe da pintura mural do cubículo da catacumba de Domitila.



Fig.22: Cubículo da Catacumba de Santa Comodila⁶⁰, Roma.



Fig.23: Detalhe da pintura mural de um cubículo de Santa Comodila. Primeira imagem de Cristo barbado.

Emile Mâle relata de forma poética o impacto da arte das catacumbas nos estudiosos da arte e da religião. Começa-se a entender

⁶⁰ As catacumbas de Santa Comodila foram redescobertas em 1903 pela Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra, pois foram vistas pela primeira vez em 1720. Estão situadas na via da Sette Chiese, 42. Devem seu nome à proprietária do local, a matrona Comodila.

como a arte permeou a nova religião que iria rapidamente se estender pelo Império Romano.

Foi em 1578 que foi descoberta ao acaso a Catacumba da Via Salaria. Bosio, um erudito a descobri-las de novo e descrevê-las. Nos séculos XVII e XVIII ele teve sucessores. Mas só no século XIX, com o ilustre, Giovanni de Rossi, que o estudo das antiguidades cristãs elevou-se à dignidade de uma verdadeira ciência. Desde então as pesquisas e as descobertas não cessaram e se conhece até hoje mais de quarenta catacumbas que formam nos campos e nos arredores de Roma uma cidade escondida, como dizia Bosio, “uma Roma subterrânea”. [...] deve-se preparar para uma emoção quando se desce nas profundezas desses imensos cemitérios que se acredita sejam contemporâneos dos primeiros cristãos. As galerias são estreitas e altas e as sepulturas escavadas nas paredes e sobrepostas. Podem-se decifrar algumas inscrições nas placas de mármore ou de cerâmica que fecham as sepulturas. Nas mais antigas, das quais muitas em grego, são as mais simples e não se lê senão o nome do defunto ou uma breve nota de esperança; nenhuma data, nenhuma lembrança dessa vida passageira que o fiel deixou para entrar na verdadeira vida. De tempo em tempo aparecem signos misteriosas ornar o epitáfio: um peixe, uma pomba, um pavão, uma âncora. Para essas antigas gerações, o peixe era um símbolo do Cristo; no nome peixe em grego *ichthus*, os fiéis reconheciam as cinco primeiras letras da consagrada frase Jesus Cristo, filho de Deus Salvador. Foi um signo levado a Roma pelos Gregos do Oriente. A pomba tendo o ramo de oliveira no seu bico lembrava o pássaro que anunciou a Noé sua libertação. O pavão, cuja carne passava por incorruptível, era o hieróglifo da imortalidade. Quanto à âncora, ela significava a invencível esperança do cristão, por vezes, um golfinho, animal que assegurava-se, amava os homens e para salvá-los de um naufrágio enrolava-se à âncora, tornou-se por isso uma antecipação da Cruz onde o Salvador foi pregado.[...] Esses afrescos das catacumbas, executados em rápidas pinceladas, à meia luz e já apagados pelo tempo, são para nós sem preço, pois são testemunhas dos primeiros sentimentos da alma cristã. Pode-se dizer que esses pagãos de outrora, nutridos das belas lendas da Grécia quiseram, ao conhecer Cristo, guardar

o que havia de mais puro no helenismo.⁶¹

A arte das catacumbas introduziu os estudiosos em um mundo novo, mas fiel às antigas tradições. Essa arte não foi uma revolução e seria preciso esperar o triunfo da Igreja para ver o pensamento cristão começar a criar as formas que iriam exprimi-lo. Após Constantino, continuou-se a utilizar as catacumbas como um lugar comum para as sepulturas e o hábito de decorar com pinturas as paredes dos túmulos dos cidadãos mais ricos permaneceu além do início do século V. A continuidade se afirma igualmente na conservação do ciclo de imagens do Antigo e do Novo Testamentos, não houve mudança nos motivos da iconografia da arte funerária, a não ser na ordem do estilo. O triunfo da Igreja não trouxe mudança para essa arte⁶².

As pesquisas continuam. Em julho de 2009, o Papa Bento XVI criou o cargo de superintendente arqueológico das catacumbas, posto ocupado por Fabrizio Bisconti, que era secretário da Comissão Pontifícia de Arqueologia Sacra. Em junho de 2010, arqueólogos e restauradores descobriram o que acreditam ser as pinturas mais antigas dos rostos dos apóstolos Pedro, Paulo, André e João. As imagens foram encontradas num ramal das catacumbas de Santa Tecla, próxima à Basílica de São Paulo Fora dos Muros. Pintadas no fim do século IV ou início do século V, essas imagens trazem a novidade das cores extraordinárias em detrimento às cores pálidas que caracterizam a arte mural funerária⁶³.

⁶¹ Emile MÂLE, *L'art chrétien primitif; l'art byzantine*, in: *Histoire Générale de l'art* 1, p. 255-256.

⁶² Cf. André GRABAR, *Le premier art chrétien*, p. 119-120.

⁶³ <<http://noticiasdearqueologia.blogs.sapo.pt/tag/vaticano/>>, acessado em 19/08/2014.

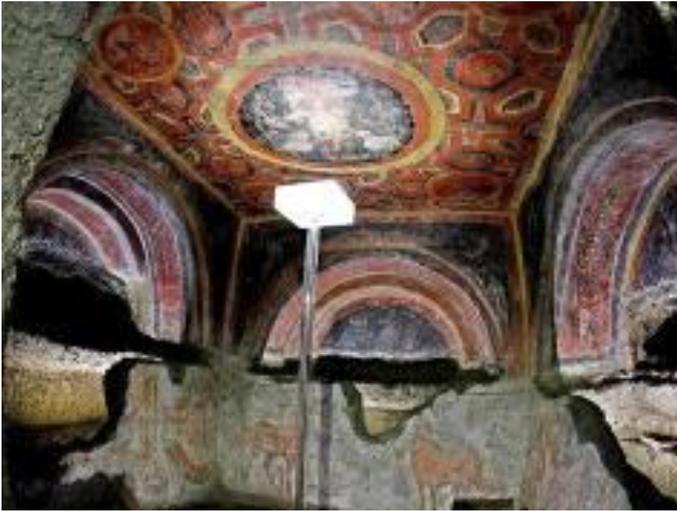


Fig.24 Catacumba Santa Tecla, Roma.



Fig.25 Detalhe. Catacumba Santa Tecla, Roma

Segundo Barbara Mizzei, responsável pelo restauro: “Quanto mais avançamos, mais surpresas encontramos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentados, além dos conteúdos aprofundados em diálogo com a história e outras ciências, revelam-nos à importância do conteúdo visual na construção do conhecimento interpretativo, conferindo outra perspectiva no estilo da pesquisa.

Apesar da grande importância do trabalho de campo na arqueologia, hoje, com todo o aparato tecnológico que nos cerca, temos acesso a uma grande quantidade, e variedade, de imagens de cunho religioso em alta qualidade, facilitando o trabalho do pesquisador da Arqueologia da Religião, posto que lhe confere acesso a centenas de sítios arqueológicos e museus espalhados pelo mundo, tornando o ambiente acadêmico bastante fértil para o desenvolvimento da disciplina A.R.

Conhecer ecos informativos da religiosidade vivenciada na antiguidade que nos chegam através do *produto artístico da religião*, bem como receber uma interpretação que satisfaça a nossa curiosidade, independente do nível da mesma, são razões relevantes que legitimam a importância da existência da A.R como uma nova porta de entrada para o estudo do fenômeno religioso.

A qualidade dos trabalhos selecionados sinaliza que a, ainda embrionária, Arqueologia da Religião está no caminho certo rumo à maturidade. Revelando que possui potencial para, em um futuro próximo, atingir um nível bastante produtivo no que se propõe, contribuindo de uma forma mais intensa para o progresso da C.R.

GLOSSÁRIO BÁSICO EM ARQUEOLOGIA

Achado Arqueológico - Referente a um artefato, cidade, documento, ossada, etc, que foi encontrado.

Arqueografia - Área da arqueologia que trata da observação, documentação e organização dos dados.

Arqueólogo - Indivíduo versado no estudo do antigo que tem como principal objetivo de trabalho fornecer à sociedade conhecimentos que a ajude a obter impressões de qualidade sobre o passado.

Arqueologia Bíblica - Responsável em estudar o cenário em que as histórias bíblicas se desenvolveram.

Arqueologia Clássica - Termo que aponta para o estudo das civilizações mediterrâneas da Grécia e Roma.

Arqueologia Forense - Atividade arqueológica voltada a ajudar a justiça, que trabalha na busca de reconstruir o ambiente criminal.

Arqueologia Histórica - Ramo da arqueologia que estuda as sociedades que possuem registros escritos.

Arqueologia Marítima - Responsável em pesquisar no ambiente aquático. Inclui oceanos, mares e rios.

Arqueologia da Religião - Atividade arqueológica responsável em pesquisar as religiões, a partir dos achados de cunho religioso e espaços religiosos, encontrados nos sítios arqueológicos. Ela também pode ser chamada de “Arqueologia das Religiões” ou “Arqueologia da Religiosidade”.

Arqueologia Urbana - Seguimento arqueológico responsável em investigar o subsolo das cidades com o intuito de conhecer suas origens e processos de transformação.

Artefato - Artefacto ou artefato, é qualquer objeto feito ou modificado pelo homem, encontrado por arqueólogos, que fornece evidências da atividade humana no passado.

Arte Rupestre - Referente a pinturas encontradas em rochas.

Cultura Material - Conjunto de objetos que pertencem ao ambiente concreto de uma sociedade.

Dados Arqueológicos - Todo e qualquer vestígio que sirva como fonte informativa na direção de entender o passado.

Dados Primários - Os vestígios encontrados em um sítio arqueológico ou outra geografia.

Ecofatos - Restos da natureza encontrados nos sítios arqueológicos. Esses restos podem ser conchas, ossos, sementes, etc.

Escavações - Trabalho manual (também feito com auxílio de máquinas) que consistem em remover camadas de terra que estão encobrindo os vestígios, nos sítios arqueológicos.

Esculturas Rochosas - Atividade humana de modificar partes das rochas, criando imagens de homens, animais, ou criaturas. Muitas vezes ligadas a religiosidade.

Estrato - Diz-se de cada uma das camadas horizontais encontrada no sítio arqueológico.

Geologia - Ciência que estuda os processos

Etnologia - Estudo e descrição das diversas culturas no mundo.

Evidência - Algo que produz “luz”, que aponta para... Palavra que é também usada como sinônimo de vestígio.

e estruturas que formaram a terra.

Habitat - Lugar utilizado por um grupo humano ou de animais, mesmo

que por pouco tempo.

Indícios - Termo também usado como sinônimo de vestígios que significa sinal aparente de determinada realidade ou coisa que existiu.

Instrumental Arqueológico - Instrumentos usados nas escavações como, por exemplo: espátulas, fitas métricas, lentes de aumento, pás, picaretas, pinceis, régua, etc.

Menir (ou perafita) - Monumento pré-histórico de pedra.

Monólito - Design esboçado sobre uma única pedra ou rocha geralmente de grandes proporções.

Numismática - Ciência que estuda moedas e medalhas.

Osteologia - Ciência responsável em estudar os ossos seja de humanos como de animais.

Óstraco - Fragmento de cerâmica (ou pedra) geralmente proveniente de um vaso que na maioria das vezes possui inscrições.

Paleontologia - Ciência que estuda os antigos seres vivos a partir dos fósseis.

Pré-História - Estudo da história humana antes da descoberta da escrita.

Produto Artístico da Religião (PAR) - Expressão técnica utilizada na Arqueologia da Religião que aplica-se a qualquer objeto, ou cenário modificado pelos humanos, ligados a religiosidade, tais como: artefato, arte rupestre, escultura rochosa, pinturas em catacumbas, etc.

Prospecção Terrestre - Método que avalia a história da ocupação de uma área através do levantamento dos vestígios antigos ainda perceptíveis na paisagem. Consiste em uma caminhada minuciosa observando cada centímetro do local, coletando as amostras.

Prospecção Aérea - Investigação minuciosa, registrada por câmeras,

feita através de uma aeronave voando em baixa altitude.

Sítio Arqueológico - Também chamado de estação arqueológica ou lugar arqueológico, é um espaço delimitado para pesquisas, onde verificou-se que houve a presença humana. Quando não existiu a intervenção de seres humanos chama-se sítio paleontológico.

Stela - Na arqueologia significa objeto em pedras individuais.

Tablet - Pequena peça em forma de tábua que era feita de argila.

Tafonomia - Estudo de organismos em decomposição ao longo do tempo, e como fossilizaram-se (caso tenha ocorrido).

Tell - Morro ou monte surgido de forma artificial como fruto das sucessivas destruições e construções.

Testemunhos Móveis - Objetos descobertos que podem ser transportados para outros lugares. Geralmente se encontram em museus.

Vestígios - sinal deixado por uma pessoa ou animal em uma determinada geografia.

Vestígios Imóveis - Termo utilizado referindo-se a elementos arqueológicos que só são observáveis no sítio arqueológico, como, por exemplo, muralhas e grandes construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINFORD, L. R. **Pursuit of the Past: Decoding the Archaeological Record**. London:Thames and Hudson, 1983.

MOBERG, Carl-Axel, **Introdução à Arqueologia**, Edições 70, Lisboa, 1968.

STEADMAN, S. R. **Archaeology of religion: cultures and their beliefs in worldwide context**. Left Coast Press, 2009.

EDWARDS, D. N. **The archaeology of religion**. In **The Archaeology of Identity. Approaches to Gender, Age, Status, Ethnicity and Religion**, edited by Margarity Díaz-Andreu, Sam Lucy, Stasa Babić, and David N. Edwards, London: Routledge. 2003.

GRAYSON, A.K., **Assyrian royal inscriptions**. Wiesbaden, O. Harrassowitz, 1972

READE. J.E., **Assyrian sculpture-1**, London, The British Museum Press, 1998.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulina's, 2010;

ELIADE, Mircea and HARRY B. Partin, **History of Religions**. Vol. 5, No. 1 (Summer, 1965);

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995;

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002;

GROSS, Eduardo. Considerações sobre a teologia entre os estudos de Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmção de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

GUIMARAES, André Eduardo. **O Sagrado e a História: fenômeno religioso e valorização da história à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000;

MENDONÇA, Antônio Govêia. **Protestantes, pentecostais e**

ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Paulo: UMESP, 1997.

PERES, de Oliveira Vitória. A fenomenologia da Religião: Temas e Questões Sob Debate. In: DREHER, Luís Henrique (Org.) **A Essência Manifesta: A Fenomenologia nos Estudos Interdisciplinares da Religião**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003;

POUPARD, P. (Director de La Publicación). **Diccionario de las Religiones**. Comité de Redacción: JACQUES VIDAL, JULIEN RIES, ÉDOUARD COTHENET, YVES MARCHASSON, MICHEL DELAOUTRE. Versión castellana de Diorki (José M^a Moreno, Helena Gimeno, Montserrat Molina, Matilde Moreno, Mar Carillo, Gloria Mora y Alberto García) de la obra de Paul Poupard, Dictionnaire des Religions, Presses Universitaires de France, París, 1985. Empresa Editorial Herder S.A, Barcelona, 1987.

TEIXEIRA, Faustino. O lugar da teologia na(s) Ciência(s) da Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**. In. Obras Escolhidas I, Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1995.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GUIMARÃES, Felipe de Oliveira – **Arqueologia da Religião: Um Convite**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2013. 50p. ISBN 978-85-65294-22-5.

LEÓN-POTILLA, Miguel - **A visão dos vencidos. A tragédia narrada pelos astecas**. Porto Alegre, LPM, Editores, 1985.

MARCILLY, Jean. **A Civilização dos Astecas**. Otto Pierre Editores, 1978. Rio de Janeiro.

RICARD, Robert - **La conquista espiritual de México**. México, Fondo de Cultura-1992.

SOUSTELLE, Jacques - **A civilização Asteca**, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1987.

_____, Jacques - **Os astecas na véspera da conquista espanhola**.

São Paulo, Companhia das letras, 1990.

VILHENA, M. Â. **Ritos expressões e propriedades.** São Paulo: Paulinas

PÁGINAS DA WEB

www.sos estudante.com

www.historianet.com.br

www.infoescola.com

www.seuhistory.com/civilizacoes

SOBRE O ORGANIZADOR

Filipe Guimarães

Professor do curso de Relações Internacionais da UNIFAP. Pós-doutor em Relações Internacionais pela UFABC (2017). Doutor em Ciências da Religião pela UMESP (financiamento FAPESP). Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB-UMESP (financiamento PROCAD). Graduado em Administração de Empresas (UFPB), com destaque em Planejamento Estratégico Participativo. Licenciatura em História com ênfase em História das Relações Internacionais. Músico segundo a Ordem dos Músicos do Brasil. Responsável em Implantar a Arqueologia da Religião no território brasileiro. Coordenador do Projeto de Pesquisa Relações Internacionais e Religião. Realizou vários estágios de pesquisa em diversas Universidades no Exterior.

As mais antigas imagens produzidas pelo ser humano, nas pinturas rupestres de dezenas de milhares de anos, atestam o poder que as forças espirituais exerceram sobre o ser humano. Estas imagens têm sido recuperadas e interpretadas pelos arqueólogos. Multiplicaram-se as pesquisas arqueológicas sobre o tema religioso, mas faltam ainda publicações de divulgação relativas ao tema. Esta lacuna encontra na obra do Dr. Filipe Guimarães uma contribuição para que o interessado possa ter acesso à questão ainda enigmática do estudo dos mais antigos sentimentos religiosos. Boa leitura!

Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari
Professor titular da Unicamp

